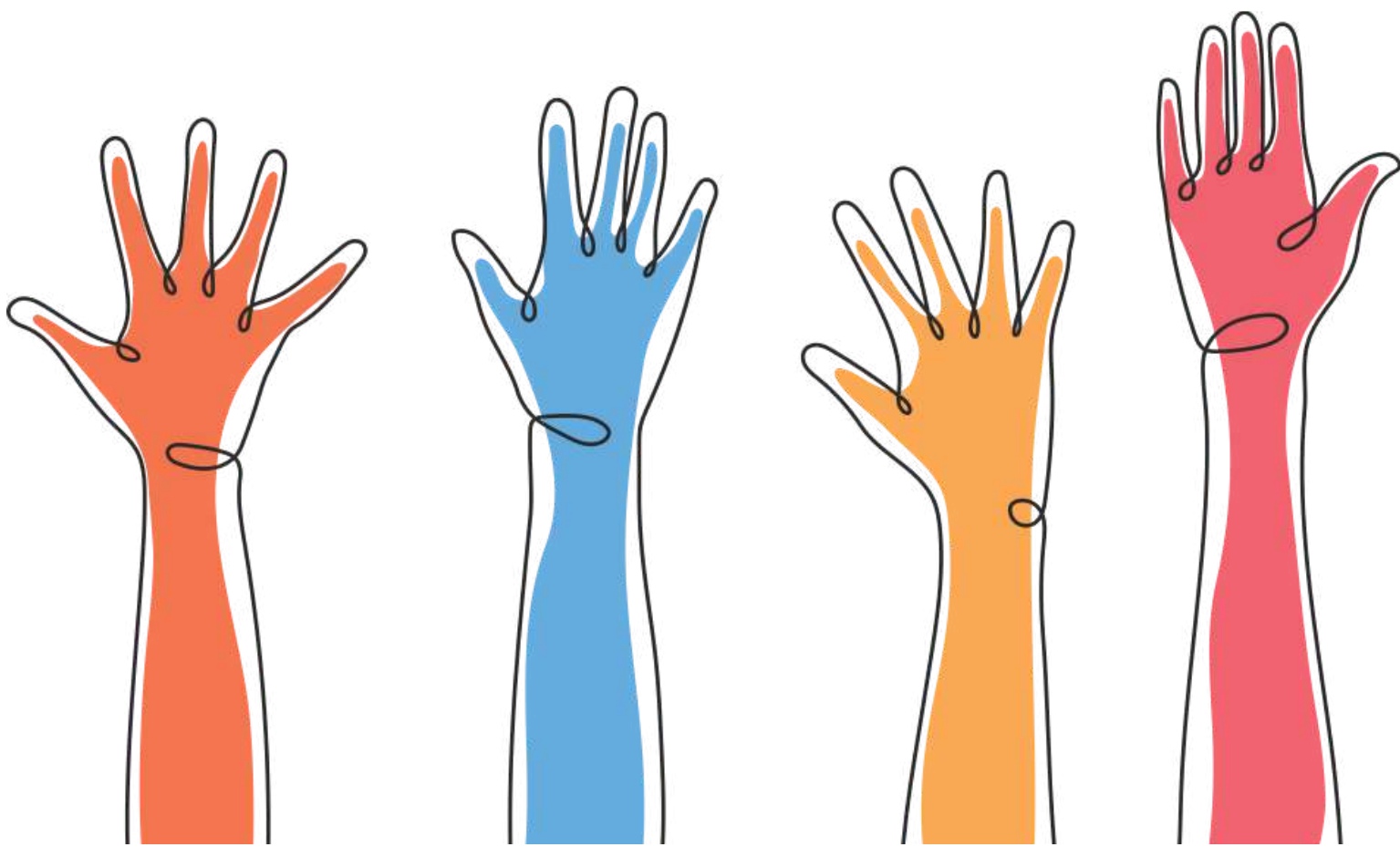




*Atuante como sempre,
necessária como nunca*

Oficinas Didáticas Interdisciplinares

PROPOSIÇÕES DO PIBID
HISTÓRIA E SOCIOLOGIA
UNB 2020-2022





Conselho Editorial

Membros internos:

Prof. Dr. André Cabral Honor (HIS/UnB) - Presidente

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Prof^a Dr^a Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Prof^a Dr^a Ruth Elias de Paula Laranja (GEA/UnB)

Membros externos:

Prof^a Dr^a Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro (UFSC)

Prof^a Dr^a Marine Pereira (UFABC)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Membro internacionais:

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide - Espanha);

Prof^a Dr^a Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Prof^a Dr^a Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex - Reino Unido)



*Atuante como sempre,
necessária como nunca*

Organizado por

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima.

Título

Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia
UnB 2020-2022

Autores(as)

Marcelo Cigales, Cristiane Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida, Paulo Stumpf, Alice Rocha Santana, Alexandre Bruno Barzani Santos, Beatriz Amorim de Barros, Beatriz de Oliveira Andrade, Celine Batista, Gabriel Antonio da Silva Ribeiro, Gabriela Rabelo, Gabrielle Pereira da Conceição, Guilherme da Luz, Guilherme Henrique Cruz Quevedo, Isabella Cristina Barbosa Ramos, Júlia Duarte Pires de Mendonça, Laísa Fernanda Alves da Silva, Lauanny Kassya de Gois Aguiar, Luiza Letícia Mendes de Alcântara, Nathalia Luiza Alves Silva, Nathália Sofia Araújo Soares, Pedro Sampaio, Ricardo Daniel Lucas Monteiro de Sousa, Thaiane Miranda.

Parecerista

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima, Paulo Stumpf

Editoração e revisão

Marcelo Pinheiro Cigales e Bibiana Soyaux de Almeida Rosa

Capa [arte gráfica]

Caê Penna

Publicação

Selo Editorial Caliandra

Editora

Biblioteca Central da Universidade de Brasília



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Referência

CIGALES, Marcelo Pinheiro et al. (org.). Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022. Brasília: Universidade de Brasília, 2022. 149 p., il.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

032 Oficinas didáticas interdisciplinares [recurso eletrônico] : proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022 / organizadores: Marcelo Pinheiro Cigales ... [et al.]. - Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 149 p. : il.

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br>>.
ISBN 978-65-86503-92-0.

1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). 2. Universidade de Brasília. 3. História. 4. Sociologia. I. Cigales, Marcelo Pinheiro (org.).

CDU 378.147

Índice

1. Apresentação	6
2. Oficinas Artivismo	8
2.1 Carta aos/às professores(as)	10
2.2 Oficina 01 - Violência e Racismo	12
2.3 Oficina 02 - Fato x Fake	17
2.4 Oficina 03 - Teatro do Oprimido	21
2.5 Atividade: Análise de Rap	26
2.6 Atividade: Construindo uma narrativa	28
2.7 Atividade: Pesquisa de Campo	31
2.8 Atividade: Arte + Ativismo = Artivismo	34
3. Oficina Cine Clube Lado B	35
3.1 Carta aos/às professores(as)	38
3.2 Por que Lado B: o direito à memória	46
3.2.1 Duque de Caxias	49
3.2.2 Revolta da Balaiada	51
3.2.3 Manuel Balaio	52
3.3 Atividades mobilizadoras	55
3.3.1 Memória e espaço público	56
3.3.2 Povos originários e estereótipos	65
3.4 Cine Clube	71
3.4.1 História de amor e fúria	72
3.4.2 Branco sai, preto fica	75
3.4.3 A última floresta	80

4. Oficinas Rasurando Narrativas	88
4.1 Carta aos/às professores(as)	90
4.2 Por que rasurar narrativas?	93
4.3 A construção da capital	96
4.3.1 A história oficial	98
4.3.2 Mulheres na construção	102
4.3.3 Pra lá do canteiro de obras	106
4.4. DF e as regiões administrativas	110
5. Oficinas Além dos muros	117
5.1 Carta aos/às professores(as)	119
5.2 Orientações sobre o PAS para os estudantes	122
5.3 Oficina 01 - Direitos Humanos	125
5.3.1 O povo brasileiro: matriz Tupí	126
5.3.2 O risco da história única	127
5.4 Oficina 02 - Raça e racismo	128
5.4.1 A rota do escravo: a alma da resistência	129
5.4.2 Atlântico negro: na rota dos Orixás	131
5.4.3 Entrevista com Maria Teresa, ex-escrava	133
5.5 Oficina 03 - Gênero	135
5.5.1 <i>La mujer sin miedo</i>	136
5.5.2 Suzana e os anciãos	138
5.6. Resolução de questões	139

Apresentação

Este material pedagógico foi produzido pelos(as) estudantes da licenciatura em História e Ciências Sociais, bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília (UnB) na edição 2020-2022. Trata-se de um material organizado colaborativamente entre licenciados(as) pibidianos(as), professores(as) supervisores(as) da Educação Básica e professores(as) coordenadores(as) da UnB.

Com a publicação gratuita deste material pedagógico, resultado de 18 meses de trabalho coletivo e colaborativo, queremos registrar que para a profissionalização da formação docente no Brasil urge a ampliação, fortalecimento e valorização do Pibid, que demonstra ser uma política efetiva para a permanência dos estudantes de licenciatura nos cursos de graduação. Trata-se de uma política pública que cria espaços de inserção na pesquisa, extensão e atuação docente desses estudantes, aproximando-os da realidade escolar em que atuarão enquanto professores-pesquisadores comprometidos com uma educação de qualidade, justa e solidária.

A publicação deste material pedagógico em formato de oficinas reflete, ao menos duas questões que estruturaram o subprojeto interdisciplinar entre as licenciaturas de História e de Sociologia da UnB nessa edição. A primeira é referente a interdisciplinaridade entre duas licenciaturas da área de humanidades. Como registro desse trabalho colaborativo, destacamos que a integração entre os componentes disciplinares ocorreu por meio de trabalhos e debates a partir de eixos temáticos, uma vez que a proposta do projeto foi utilizar a pesquisa como pressuposto de ensino, questão já presente nos debates teóricos e pedagógicos de ambas as áreas. A segunda questão faz alusão a criação de grupos (também chamados de clubes) que se dividiram de forma a reunir integrantes de ambas as áreas para discutir e exercitar pedagogicamente os quatro eixos propostos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a partir da forma em que foram recontextualizados pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal para o Ensino Médio, publicado em 2020.

Assim, os(as) pibidianos(as) foram estimulados a elaborar oficinas pedagógicas ao redor dos eixos de: a) "Investigação Científica", que se transformou na Oficina "Artivismo"; b) "Processos Criativos", que deu origem à Oficina intitulada "Cineclube Lado B"; c) "Mediação e Intervenção Sociocultural", que se materializou na Oficina intitulada "Rasurando Narrativas", e; d) "Empreendedorismo", a partir do qual foi proposta a Oficina "Além dos Muros".

Nossa intenção ao produzir este material foi indicar elementos para problematizar o currículo prescrito, de forma crítica e criativa, estimulando, por um lado, a formação dos e das licenciandos(as) em História e Sociologia e, por outro, possibilitando um diálogo com os(as) professores(as) da Educação Básica, para quem o material é endereçado. Para convidar ao compartilhamento das experiências, na abertura de cada oficina há uma "Carta aos/às professores(as)" na qual se explica o objetivo, a metodologia e o que se espera com o desenvolvimento de cada oficina. Além disso, utilizamos este espaço para compartilhar as experiências docentes e discentes do Pibid no decorrer da pandemia, de forma a ilustrar as possibilidades e os possíveis desafios de aplicação das oficinas naquele contexto.

Desejamos que a publicação e publicização deste material seja recepcionada pelos professores(as) como um material a ser utilizado, criticado e apropriado em sala de aula pela comunidade docente. Não se trata de uma receita, mas de um exercício intelectual-pedagógico de pensar a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nas escolas.

Por fim, cabe deixar registrado que com a socialização deste material cumprimos uma parte muito relevante do Pibid, que é retornar à sociedade e, neste caso, de forma propositiva para a comunidade escolar, os resultados do investimento da política pública educacional. O material também é um registro histórico do trabalho coletivo durante a pandemia de Covid-19, que nos forçou ao trabalho remoto, assim como um "grito" de resistência aos ataques a educação pública proferido pelos Ministros na gestão Bolsonaro.

Viva o Pibid, viva a Universidade Pública, gratuita, democrática e de qualidade!

Brasília, setembro de 2022.

Os/As organizadores/as



OFICINAS

ARTIVISMO



FICHA TÉCNICA

Título: Oficinas Artivismo

Autoras e autor: Alice Rocha Santana,
Gabriel Antonio da Silva Ribeiro,
Gabrielle Pereira da Conceição, Júlia
Duarte Pires de Mendonça e Nathalia
Luiza Alves Silva

Colaboração: Gabriela Almeida Lima e
Paulo Stumpf

Edição: Júlia Duarte Pires de Mendonça
e Nathalia Luiza Alves Silva

Ano: 2022

**Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação à Docência
Universidade de Brasília - Brasília, DF.**

CARTA AOS/ÀS PROFESSORES(AS)

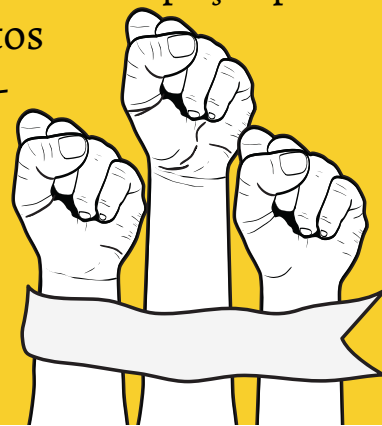
Caro (a) professor (a), "Artivismo" é um termo utilizado para designar ações coletivas ou individuais que combinem arte e política. Esse termo passou a ser empregado, mais precisamente, a partir dos anos 90, período em que foi criado pelo coletivo norte americano Art Esemble. O artivismo usa de estratégias artísticas e estéticas para problematizar a realidade, denunciar injustiças sociais e reivindicar causas para a sociedade.

O material que aqui apresentamos, baseado nas Eletivas Orientadas do Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio do Distrito Federal, traz um conjunto de oficinas didáticas para serem trabalhadas em sala de aula que buscam relacionar o artivismo, a violência racial e a investigação científica.

Este material foi produzido e organizado pelas integrantes do PIBID interdisciplinar História e Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) Alice Rocha, Gabriel Ribeiro, Gabrielle Conceição, Júlia Duarte e Nathalia Alves sob a orientação dos professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) Gabriela Almeida e Paulo Stumpf.

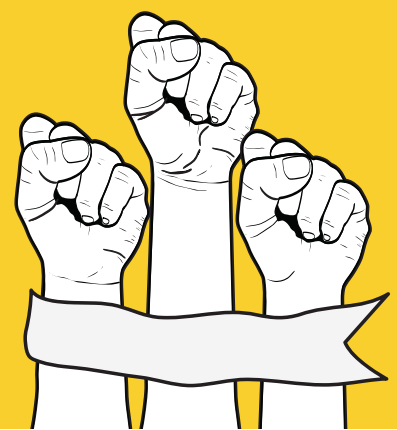
As oficinas propostas pelo clube Artivismo apresentam caráter interdisciplinar entre História e Sociologia cuja temática central é a violência racial brasileira e se dividem em três momentos, são eles: Violência e Racismo, Fato ou Fake e Teatro do Oprimido, acompanhados por atividades de finalização do clube, que podem ser aplicadas de forma intercalada com as Oficinas.

A sequência didática desenvolvida, objetiva, através da música, teatro e outras produções artísticas, promover um espaço para discussão, reflexão e críticas sobre diversos âmbitos relacionados a temática central, buscando evidenciar o protagonismo juvenil diante da realidade social.



Além disso, busca através da pesquisa ativa desenvolver nos estudantes objetivos de aprendizagem relacionados a investigação científica, sendo eles: reconhecer e compreender elementos presentes na vida cotidiana como fontes de dados para a investigação científica, aplicar metodologias científicas para a geração de informações e desenvolver soluções teóricas e práticas aos desafios cotidianos. A sequência didática é finalizada com a realização de entrevistas pelos estudantes e a produção de lambes como um ato de intervenção no ambiente escolar.

As oficinas foram pensadas para estudantes do Ensino Médio, contudo, salientamos que diante de todas as sugestões de trabalho aqui descritas, prevalece a autonomia intelectual do professor, podendo, o material, servir como inspiração para possíveis atividades. Esperamos que esse material enseje discussões e trocas substanciais entre estudantes e professores, os quais, juntos, podem criar novas alternativas de futuro.



OFICINA 1 - VIOLÊNCIA E RACISMO

Descrição

A oficina apresenta, em primeiro lugar, uma atividade de apresentação dos estudantes e professor. A segunda parte contém uma atividade de nuvem de palavras sobre o conceito de violência e a conceitualização sobre Senso Comum e Senso Crítico. Por fim, há um exercício de análise da letra da música "Negro Drama" do grupo "Racionais".

Objetivos

O objetivo desta oficina é refletir sobre o conceito de violência a partir das noções já presentes na realidade social dos alunos, assim como as representações da violência existentes nas músicas de rap brasileiras. A partir dessa análise, a oficina visa investigar o fenômeno da violência como fonte de dados para proposição científica.

A oficina também busca relacionar a arte/música com a realidade e reforçar a importância da arte local para o enfrentamento de injustiças sociais, fazendo com que os estudantes reconheçam-se como parte de uma coletividade com a qual devem se comprometer.

Conceitos mobilizados

VIOLÊNCIA	ARTE
VIOLÊNCIA FÍSICA	SENSO COMUM
VIOLÊNCIA MORAL	SENSO CRÍTICO



Detalhamento da oficina

- **Primeiro momento: Conhecendo os estudantes**

Visto que a oficina analisará uma música, o professor pode se apresentar por meio de um cartão contendo: gênero musical preferido, uma música para dias de luta e uma música que o represente. Após esse momento, os alunos também podem se apresentar com nome, idade, gênero musical favorito ou uma música que os representa.

- **Segundo momento - Prática social inicial: Discussão sobre o conceito de violência. O que é violência?**

Como proposta para discutir a temática, sugerimos a construção de uma nuvem de palavras com os estudantes sobre definições de violência. O objetivo com essa atividade é evidenciar o que os estudantes compreendem por violência. A partir das palavras e termos que eles indicarem, o professor pode iniciar um debate sobre os tipos de violência e levantar o debate sobre Senso Comum x Senso Crítico (ou conhecimento científico), sendo o primeiro relacionado à concepção geral sobre violência e o segundo como o estudo aprofundado sobre a temática.

- **Terceiro momento: Análise do Rap**

Sugerimos a música "Negro Drama" do grupo Racionais Mc's (5:20min), mas é livre a escolha de outra música para ser analisada, caso queira trabalhar diferentes temáticas. Nesse terceiro momento, passar a música acompanhada da letra para que os alunos escutem.

***Sobre o grupo:** Racionais MC's é um grupo paulista de rap fundado em 1988. É formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. "Negro drama", foi lançada em 2002.

Os trechos a seguir poderão ser analisados juntamente com os estudantes. Acompanhado aos trechos, colocamos uma sugestão de análise:

TRECHO 1

"Nego drama/ Entre o sucesso e a lama/ Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama/ Nego drama/ Cabelo crespo e a pele escura/ A ferida, a chaga, à procura da cura/ Nego drama/Tenta ver e não vê nada/ A não ser uma estrela/ Longe, meio ofuscada. "

Nesse trecho é possível perguntar aos estudantes sobre a quem eles acham que a música está se referindo e explicar porque o protagonista da música vive entre o sucesso e a lama e não vê muitas perspectivas de vida.

TRECHO 2

"O drama da cadeia e favela/ Túmulo, sangue, sirene, choros e velas/ Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia/ Que sobrevivem em meio às honras e covardias/ Periferias, velas, cortiços/ Você deve tá pensando/ O que você tem a ver com isso?"

Nesse segundo trecho, pode citar os símbolos de sofrimento mencionados na música e presentes na realidade de quem vive o drama da cadeia e da favela. Além disso, ao final do trecho, em "Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso?", é possível perguntar aos estudantes sobre a quem se endereça a frase, se é para aqueles que vivem o negro drama ou para uma população mais ampla.

TRECHO 3

"Desde o início, por ouro e prata/ Olha quem morre, então/ Veja você quem mata/ Recebe o mérito a farda que pratica o mal/ Me ver pobre, preso ou morto já é cultural/ Histórias, registros e escritos/ Não é conto nem fábula, lenda ou mito/ Não foi sempre dito que preto não tem vez?/ Então olha o castelo e não/ Foi você quem fez."

No terceiro trecho, é possível retomar os processos históricos no Brasil mostrando que desde o início da colonização, houve escravidão e genocídio negro e indígena, justificadas pela sede de riqueza e poder. Também pode questionar aos alunos qual palavra o rapper utilizou para se referir a polícia (a palavra "farda") e mostrar que a última frase expõe a situação de convivência com que é encarada a violência praticada contra a população pobre. Assim como no trecho "me ver pobre, preso ou morto já e cultural" é evidenciado que essas já são situações normalizadas pela sociedade.

TRECHO 4

Nego drama/ Crime, futebol, música, carai/ Eu também não consegui fugir disso aí/ Eu sou mais um/ Forrest Gump é mato/ Eu prefiro contar uma história real/ Vou contar a minha/ Daria um filme."

Nesse trecho pode trazer a realidade de quem é negro no Brasil na qual se o negro escapar da lama, resta-lhe apenas o "sucesso" no crime, no futebol ou na música.

TRECHO 5

"Uma negra e uma criança nos braços/ Solitária na floresta de concreto e aço/ Veja, olha outra vez o rosto na multidão/ A multidão é um monstro sem rosto e coração/ Hei, São Paulo, terra de arranha-céu/ A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel/ Família brasileira, dois contra o mundo/ Mãe solteira de um promissor vagabundo/ Luz, câmera e ação, gravando a cena vai/ Um bastardo, mais um filho pardo sem pai."

No quinto trecho pode problematizar a história contada por Mano Brown, mostrando que infelizmente é uma história comum entre os jovens negros periféricos criados por uma mãe solteira.

A partir desses questionamentos e da interpretação da música é possível ver como a música e a arte tem o poder de dar voz a esses sujeitos marginalizados, visto que não é escutada apenas nas favelas, trazendo a possibilidade de questionamento e transgressão de normas sociais que querem manter corpos marginalizados silenciados.

- **Quarto momento: Finalização e expectativas**

Agora os estudantes podem apontar suas expectativas com relação à temática da oficina e o que mais gostaram nesse primeiro momento.

Recursos didáticos:

- Power Point
- Música: Racionais Mc's. Negro Drama. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=dGjcBzD7z9Q>. Acesso em: 11/02/2022.

Bibliografia:

- ZENI, Bruno. 2004. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. Rev. Estudos avançados 18 (50).
- OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso. 2008. Existe violência sem agressão moral?. Rev. bras. Ci. Soc. 23 (67).



OFICINA 2 - FATO X FAKE

Descrição

Nesta oficina trabalhamos o conceito de ativismo político e explicamos a ligação entre arte e ativismo que compõe o nome e a experiência que o projeto busca construir. No segundo momento, propomos uma breve explanação histórica sobre raça e racismo. No terceiro momento, visando uma forma mais didática e interessante de trabalhar dados quantitativos da violência racial no Brasil é proposta a dinâmica “Fato ou Fake”, discutida com base no aporte teórico apresentado anteriormente. A finalização da experiência é feita introduzindo a questão: como combater o racismo?

Objetivos

A segunda oficina tem como intuito compreender e identificar as diversas nuances da violência racial, além de perceber criticamente os reflexos do racismo estrutural histórico presente na sociedade brasileira. Para tanto, será incentivada a análise e discussão de dados quantitativos retirados do Atlas da Violência 2021 em conjunto com o aporte teórico elencado na discussão.

Conceitos mobilizados

ATIVISMO	RAÇA	HOMICÍDIO
ARTIVISMO	RACISMO	FEMINICÍDIO
	ESCRAVIDÃO	

Detalhamento da oficina

- **Primeiro momento: O que é ativismo?**

Para que os estudantes se familiarizem com os objetivos da experiência das oficinas, propomos a apresentação de um vídeo sobre o que é ativismo político e em seguida explicamos como a arte pode ser



uma forma de manifestar, denunciar e/ou chamar a atenção para algo que os estudantes considerem importante. Conectamos essas noções às discussões envolvendo a análise do rap e a proposta final de intervenção na escola através dos lambes.

- **Segundo momento: raça e racismo**

O que é violência racial? A partir desse questionamento e amparados pelos estudos de Achile Mbembe e Frantz Fanon sobre raça e racismo é possível realizar um apanhado histórico relacionando a herança colonial, a criação do termo raça e as noções de superioridade e inferioridade envoltas na discussão para que se compreenda as narrativas da violência racial e como se dá sua estruturação na sociedade brasileira. Essa discussão pode ser elencada como ponto chave e algo basilar para se compreender as continuidades históricas envolvendo o racismo estrutural.



ACHILLE MBEMBE



FRANTZ FANON

Escravidão

Raça

Violência racial

- **Terceiro momento: Fato x Fake**

Após realizar a contextualização histórica do problema, é hora de colocar a mão na massa e analisar os dados recentes sobre violência racial.

A dinâmica consiste em apresentar algumas afirmativas envolvendo a violência racial e pedir que os estudantes digam se a consideram como Fato (verdade) ou Fake (mentira) e expliquem sua resposta. Para saber se a resposta está correta, é necessário recorrer aos dados do Atlas da Violência e com a ajuda do (a) professor (a) interpretar a questão. O intuito é perceber quem são os sujeitos mais atingidos pela violência racial sistematizada, as possíveis causas e quais fatores corroborem para tal

Exemplo: "A violência contra mulheres brancas e negras ocorre na mesma medida" (Falso. Os dados de suporte mostram que mulheres negras sofrem mais violência que mulheres brancas. É interessante questionar os estudantes porque isso acontece).

***Nota a(o) professor (a):** As afirmações que propusemos mostraram a necessidade de explicar o significado de conceitos como "homicídio" e "feminicídio".

Dados de suporte retirados do Atlas da Violência 2021, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)



Quarto momento: como combater o racismo?

Diante das discussões e dos dados analisados na oficina, propomos a reflexão inicial sobre quais seriam as formas de combater o racismo. Como referência, há a resposta dada à essa mesma pergunta pelo advogado, pesquisador e filósofo Silvio de Almeida: "através do estudo e da militância".

Recursos didáticos:

- Power Point
- Vídeo do Youtube: "Ativismo e juventude". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFvUmonOJcM>. Acesso em: 11/02/2022.

Bibliografia:

- FANON, Frantz. 2008. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA.
- GONZALES, Lelia; HALSENBALG, Carlos. 1982. *Lugar de negro* (Coleção 2 pontos). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.
- MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, p. 80.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014 ("A questão da raça")

OFICINA 3 - TEATRO DO OPRIMIDO

Descrição

A oficina consiste em uma dinâmica inspirada na técnica do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, para tratar sobre a temática das cotas raciais em universidades. Teatro do Oprimido é um conjunto de técnicas, jogos e dinâmicas criadas por Boal com o objetivo de preparar o ator para sua encenação. Nesta oficina as técnicas são utilizadas para encenar situações do cotidiano e discutir algumas temáticas.

Objetivos

O intuito desta oficina é refletir sobre a importância das cotas raciais dentro das universidades, visto que, a ocupação de espaços de prestígio intelectual por pessoas negras é uma das formas de combate ao racismo no Brasil.

A partir da dinâmica do teatro do oprimido, propõe-se que os estudantes se coloquem dentro de situações vivenciadas por três pessoas com diferentes realidades. Esta dinâmica visa problematizar questões como meritocracia e desigualdades sociais presentes na sociedade. Esse debate servirá como fonte de dados para a pesquisa realizada pelos alunos.

Conceitos mobilizados

RACISMO	IGUALDADE
MERITOCRACIA	X
DESIGUALDADE SOCIAL	EQUIDADE



Detalhamento da oficina

- **Primeiro momento**

O professor pode selecionar notícias/reportagens que falem sobre algum jovem que foi aprovado no vestibular de forma a instigar a reflexão sobre a cultura da meritocracia. Por exemplo:

g1

CAMPINAS E REGIÃO 

Primeiro na Unicamp em medicina conta experiência de estudar na pandemia: 'Desafiador'

Gabriel Garcia Schmitt, de 18 anos, afirma que encarou uma rotina de estudos de 12 horas diárias.

Por Rebeca Dias*, G1 Campinas e Região

18/03/2021 07h35 - Atualizado há 7 meses



Referência:DIAS, Rebeca. Primeiro na Unicamp em medicina conta experiência de estudar na pandemia: 'Desafiador'. G1, Campinas, 18 de Março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/03/18/primeiro-na-unicamp-em-medicina-conta-experiencia-de-estudar-na-pandemia-desafiador.ghtml>

• Segundo momento - Construindo uma narrativa

Agora, inicia-se a dinâmica do teatro do oprimido. Como sugestão, o professor pode criar três diferentes perfis de jovens e a partir desses perfis traçar narrativas por meio de questionamentos aos estudantes. Segue exemplo:



PERSONAGEM "A"

Características:

- Sexo: masculino
- Idade: 17 anos
- Cor/raça: branco
- Mora com ambos os pais
- Filho único
- Frequenta a escola pela manhã e faz cursinho pré-vestibular à tarde



PERSONAGEM "B"

Características:

- Sexo: masculino
- Idade: 17 anos
- Cor/raça: negro
- Mora apenas com a mãe
- Tem um irmão mais novo
- Frequenta a escola pela manhã e trabalha como jovem aprendiz à tarde.

Roteiro de perguntas para construir a narrativa dos personagens:

Descreva como você imagina ser o dia desse jovem que está estudando para o ENEM/PAS:

- Ele tem uma boa qualidade de sono?
- Ele realiza 4 refeições diárias? (café da manhã, almoço, lanche e jantar)
- Qual meio de transporte ele utiliza para ir à escola/cursinho? Quanto tempo leva?
- Quanto tempo pode destinar aos estudos? Possui um ambiente específico para isso?
- Ele tem apoio familiar para os estudos?

***Nota a(o) professor (a): Para realizar a atividade, sugerimos dividir a turma em dois grupos e cada um ficar responsável em construir a narrativa, orientada do roteiro, de um dos personagens e em seguida apresentar o resultado para a turma discutir.**

Após construírem as narrativas, o professor poderá guiar a discussão para que os estudantes comparem as duas realidades sociais e discutam se os personagens possuem as mesmas oportunidades sociais, além de pensar as possíveis causas disso. Em seguida, é possível acrescentar um terceiro personagem ao debate.



O terceiro perfil pode apresentar mudança de apenas um único fator: a cor/raça. Agora o personagem é um jovem negro, mas com as mesmas características do primeiro perfil.

Questão para o debate da turma: Se o personagem "A" fosse negro, com todas as mesmas características descritas por você(s), ele teria as mesmas chances e oportunidades que o personagem branco? Explique sua resposta.

- **Terceiro momento**

O professor pode discutir os conceitos de equidade, igualdade, meritocracia, desigualdade social e racismo a partir das narrativas construídas com os estudantes.

Pode também discutir a importância das cotas raciais para pessoas pretas, pardas e indígenas trazendo um panorama do racismo enquanto herança colonial e das cotas enquanto reparação histórica e política de combate ao racismo estrutural. A charge a seguir pode contribuir com a discussão:



Charge "Seu' Gagalé" do jornal Jornegro publicado em Maio de 1978

- **Quarto momento: Finalização e expectativas**

Agora os estudantes podem trazer comentários sobre a oficina, falar o que mais gostaram nesse encontro ou por meio de uma palavra dizer o que aprenderam.

***Sugestão:** As experiências com a Oficina envolvendo a metodologia do Teatro do Oprimido podem ser bem solidificadas a partir da produção de um diário de bordo sobre a experiência do estudante e as discussões que o exercício desencadeou.

Recursos didáticos:

- Power Point
- Reportagem: DIAS, Rebeca. Primeiro na Unicamp em medicina conta experiência de estudar na pandemia: 'Desafiador'. G1, Campinas, 18 de Março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/03/18/primeiro-na-unicamp-em-medicina-conta-experiencia-de-estudar-na-pandemia-desafiador.ghtml>. Acesso em 11/02/2022.
- Charge: "SEU" Galalé.1978. **Jornegro**. Ed 02. São Paulo, p. 7. Disponível em: <<http://negritos.com.br/2020/05/27/jornegro-edicoes-2-3-e-4/>> Acesso em: 11/02/2022

Bibliografia:

- BOAL, Augusto. 2007. *Jogos para atores e não-atores*. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

ANÁLISE DE RAP

Já ouviu falar de Racionais MC'S? Esse é um grupo paulista de rap fundado em 1988 formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. A atividade a seguir é a análise de alguns trechos de uma das músicas mais famosas desse grupo, "Negro drama", lançada em 2002.

O professor irá colocar a música para tocar e acompanhando os trechos destacados abaixo, em conjunto com a turma, você deve responder às perguntas que se seguem.

TRECHO 1

"Nego drama/ Entre o sucesso e a lama/ Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama/ Negro drama/ Cabelo crespo e a pele escura/ A ferida, a chaga, à procura da cura/ Negro drama/Tenta ver e não vê nada/ A não ser uma estrela/ Longe, meio ofuscada. "

TRECHO 2

"O drama da cadeia e favela/ Túmulo, sangue, sirene, choros e velas/ Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia/ Que sobrevivem em meio às honras e covardias/ Periferias, vielas, cortiços/ Você deve tá pensando/ O que você tem a ver com isso? "

TRECHO 3

"Desde o início, por ouro e prata/ Olha quem morre, então/ Veja você quem mata/ Recebe o mérito a farda que pratica o mal/ Me ver pobre, preso ou morto já é cultural/ Histórias, registros e escritos/ Não é conto nem fábula, lenda ou mito/ Não foi sempre dito que preto não tem vez?/ Então olha o castelo e não/ Foi você quem fez."



Referência: Racionais MC's - coletânea 25 anos.
Disponível em: www.racionaisoficial.com.br

Após ouvir a música e realizar a leitura dos trechos selecionados da letra de "Negro Drama", responda às perguntas abaixo:

1. Quais situações de violência vocês conseguiram identificar nos trechos e na música?
2. Para você, violência é apenas física ou pode ser moral também?
3. De acordo com a música, o Rap é ouvido apenas nas favelas?
4. Você acredita que Rap pode ser considerado como arte? Porquê?
5. Você acha que a arte pode ser um meio de falar sobre violência? Explique.



CONSTRUINDO UMA NARRATIVA...

CAMPINAS E REGIÃO 

Primeiro na Unicamp em medicina conta experiência de estudar na pandemia: 'Desafiador'

Gabriel Garcia Schmitt, de 18 anos, afirma que encarou uma rotina de estudos de 12 horas diárias.

Por Rebeca Dias*, G1 Campinas e Região

18/03/2021 07h35 - Atualizado há 7 meses

Referência: DIAS, Rebeca. Primeiro na Unicamp em medicina conta experiência de estudar na pandemia: 'Desafiador'. G1, Campinas, 18 de Março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/03/18/primeiro-na-unicamp-em-medicina-Conta-experiencia-de-estudar-na-pandemia-desafiador.ghtml>

Notícias como a apresentada acima são muito comuns, estudantes que se dedicam por 10, 12, 15 horas diariamente para conseguir a tão sonhada vaga em uma universidade federal. Acompanhada dessas notícias aparecem comentários que defendem que esses estudantes alcançaram seus resultados com base no mérito, a chamada cultura da meritocracia. Você sabe o que é isso?

"Mérito" significa alcançar algum objetivo através expressamente do merecimento e esforço de uma pessoa ou grupo de pessoas. A cultura da meritocracia consiste na crença social de que todos são capazes e tem as mesmas possibilidades de alcançar qualquer tipo de status, posição social, bens materiais, através de muito esforço pessoal. Será que isso realmente acontece?

A atividade a seguir será a construção narrativa do cotidiano de dois jovens que estão estudando para ingressar na universidade. O **primeiro passo** da tarefa consiste em dividir a turma em dois grupos, cada grupo irá se encarregar de um dos perfis destacados abaixo:

**PERSONAGEM "A"**

Características:

- Sexo: masculino
- Idade: 17 anos
- Cor/raça: branco
- Mora com ambos os pais
- Filho único
- Frequenta a escola pela manhã e faz cursinho pré-vestibular à tarde

**PERSONAGEM "B"**

Características:

- Sexo: masculino
- Idade: 17 anos
- Cor/raça: negro
- Mora apenas com a mãe
- Tem um irmão mais novo
- Frequenta a escola pela manhã e trabalha como jovem aprendiz à tarde.

Passo 2: após a divisão, cada grupo deverá construir uma narrativa para seu personagem respondendo as questões a seguir e compartilhar a narrativa com a turma

Descreva como você imagina ser o dia desse jovem que está estudando para o ENEM/PAS:

- Ele tem uma boa qualidade de sono?
- Ele realiza 4 refeições diárias? (café da manhã, almoço, lanche e jantar)
- Qual meio de transporte ele utiliza para ir à escola/cursinho? Quanto tempo leva?
- Quanto tempo pode destinar aos estudos? Possui um ambiente específico para isso?
- Ele tem apoio familiar para os estudos?

Passo 3: após conhecer as duas narrativas dos personagens, respondam em grupo às perguntas:

- Vocês acreditam que os dois personagens tem as mesmas oportunidades de entrar na universidade? Porque?
- O cotidiano desses jovens e suas realidades sociais diversificadas interfere em seu empenho no estudo e conseqüentemente no seu desempenho em um vestibular?

E SE MUDÁSSEMOS UM ÚNICO FATOR...

Passo 4: Agora vamos mudar um pouco os personagens. Em conjunto com a turma, analise e responda à seguinte pergunta:



Se o personagem "A" fosse negro, com todas as mesma características descritas por você(s), ele teria as mesmas chances e oportunidades que o personagem branco? Explique sua resposta.

PESQUISA DE CAMPO

Já imaginou como os dados de pesquisas do IBGE, Ipea, Datafolha são produzidos? Tudo parte de um **tema** e uma **pergunta** bem formulada. Muitas dessas pesquisas são feitas a partir de **entrevistas** com uma amostra da população e as respostas viram **dados** para análise de pesquisadores.

Que tal ser pesquisador por um dia? A atividade a seguir será realizar uma pesquisa de campo no seu bairro ou cidade sobre a temática da **violência racial**. Como seus vizinhos, conhecidos, amigos e familiares percebem a violência racial na sua cidade/bairro? Eles sabem o que é racismo? Essas e outras perguntas poderão ser respondidas através da pesquisa que iremos realizar.

O primeiro passo é formular um **questionário**. As perguntas nesse questionário devem ser voltadas para entender o seu **problema da pesquisa**, ou seja, aquela inquietação que move sua pesquisa. Nesse caso, como dito anteriormente, queremos entender qual a percepção das pessoas à sua volta sobre a violência racializada.



Imagem: Ricardo Lima. Agente de pesquisa do IBGE. Site: Correio Popular.



A primeira coisa que deve conter no seu questionário são perguntas para identificar seu entrevistado: nome, idade, local de residência, profissão, escolaridade, etc.

***Importante:** por uma questão ética, é preciso deixar claro para o (a) entrevistado (a) que nenhuma das informações que ele der serão divulgadas e os dados coletados serão utilizados unicamente para fins da disciplina.

Em seguida, é preciso pensar perguntas que possam nos ajudar a compreender o nosso **problema de pesquisa** que foi definido anteriormente. Existem alguns tipos de perguntas que podem ser criadas:

PERGUNTAS

ABERTAS

Elas são exploratórias por natureza e oferecem aos pesquisadores dados mais detalhados e **qualitativos** (não podem ser contabilizadas). Proporcionam a coleta de relatos sobre todas as opiniões e gostos relacionadas a um tema. Exemplo:

"Porque você gosta de estudar História e Sociologia?"

"Qual a sua opinião sobre o Novo Ensino Médio?"

FECHADAS

Elas têm diversas formas como múltipla escolha e perguntas de classificação. Nesse tipo de pergunta as pessoas que estão respondendo o questionário precisam escolher uma das opções disponíveis. Oferecem dados **quantitativos** (que podem ser contabilizados). Exemplo:

Qual é o seu grau de escolaridade?

- Sem escolaridade
- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo

Depois dessas explicações, agora é a sua vez de colocar a mão na massa e produzir seu questionário (roteiro de perguntas).

DICAS PARA ELABORAR PERGUNTAS:

Use palavras simples e comuns, que estejam de acordo com o nível de vocabulário do entrevistado. Evite complexidade. Evite também perguntas que possam constranger o entrevistado, caso queira fazer uma pergunta mais delicada pense em uma forma de construí-la que seja menos invasiva.

AS ENTREVISTAS

Após finalizar seu questionário é hora de se preparar para realizar as entrevistas. Aqui vão algumas instruções e dicas para que você tenha uma boa experiência:

- Selecione previamente ao menos duas pessoas para fazer a entrevista. É indicado que elas sejam do seu círculo social e que tenham idades diferentes.
- A entrevista pode ser feita pessoalmente, por ligação, vídeo-chamada ou da forma como você e o entrevistado preferirem.
- Na medida do possível, fale a mesma língua da pessoa entrevistada. Se existir distância na linguagem, a pessoa entrevistada pode se sentir constrangida e a entrevista não fluirá bem.
- De forma geral, as entrevistas tocam em assuntos relacionados aos sentimentos e aos afetos pessoais. Por isso, é necessário respeito às histórias que estão sendo contadas.
- O pesquisador deve procurar dar continuidade na conversa. As perguntas devem levar em consideração a sequência do pensamento da pessoa entrevistada.



Ao finalizar as entrevistas, leve os dados coletados para a aula e compartilhe as descobertas com seus colegas e professor (a). A partir das respostas dos/das entrevistados (as) tentem responder ao problema de pesquisa levantado no início do processo: qual a percepção das pessoas à sua volta sobre a violência racial?

**ARTE + ATIVISMO = ARTIVISMO**

Já ouviu falar de "lambe lambe" ou apenas "lambe"? Os lambes são pôsteres artísticos dos mais variados tamanhos que podem conter frases, imagens, desenhos e são colados em espaços públicos.



Imagem: [instagram @paredepassarpano](#)

Alguns lambes, como os da imagem acima, são utilizados de forma ativa política e socialmente para denunciar, protestar ou chamar atenção para determinado assunto. Nesse momento, propomos à vocês que realizem uma intervenção em sua escola através da produção e colagem de lambes pelas paredes da instituição. O tema dessa intervenção será a violência racial brasileira.

A partir das discussões desenvolvidas em sala sobre o assunto e as entrevistas que vocês realizaram, produzam lambes que denunciem, discutam, chamem a atenção para o racismo estrutural do país.

Utilizem a criatividade para produzir frases, poemas, raps, desenhos e/ou recortes para compor os lambes. Eles devem ser produzidos em folha A3, no sentido vertical, podendo serem feitos à mão ou impressos. O importante é que ao final eles sejam dispostos nas paredes da escola para que todos possam aprender e discutir sobre a violência racial.



CINECLUBE LADO B

histórias que a
História não conta



FICHA TÉCNICA

Título: Oficina Cine Clube Lado B

Idealização e construção: Beatriz Amorim, Laísa Fernanda, Nathalia Sofia, Pedro Henrique Ferreira e Thaiane Miranda

Orientação e supervisão: Bibiana Rosa

Identidade visual e edição: Laísa Fernanda Alves da Silva

Colaboração: Caê Penna e Norlan Silva

Contato: @pibidiario / pibidsolhis.unb@gmail.com

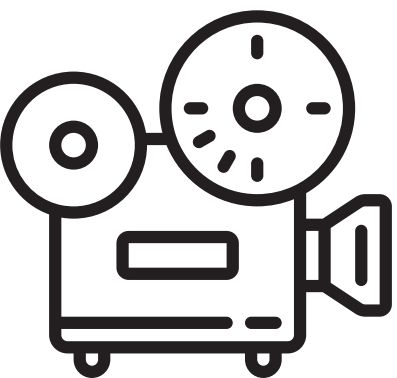
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

Subprojeto História e Sociologia (2020-2022)

Brasília, Distrito Federal

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador”.

(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.15)

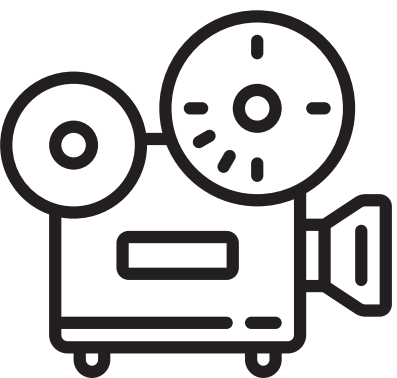


Carta aos/às professores(as)

Em um primeiro momento, gostaríamos de contar a relevância do programa ao qual construímos e a maneira que nos organizamos e produzimos o material cujo resultado é compartilhado nessa obra.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública aprovada por lei nacional no ano de 2010 e visa, por meio do financiamento de bolsas de pesquisa, valorizar o magistério através do intermédio do contato de estudantes de cursos superiores da licenciatura com instituições de ensino básico da rede pública. Essa primeira experiência é voltada para o contato prático de futuras e futuros professores com o contexto educacional no qual atuarão.

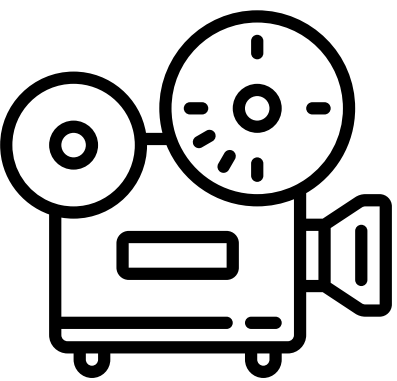
Ademais, o programa é organizado por editais temporários. O edital do PIBID da Universidade de Brasília (UnB) de 2020 prezou pela interdisciplinaridade entre cursos de licenciatura, e o PIBID ao qual compomos é fruto disso. A correlação entre a História e a Sociologia passou a ser estudada não somente no campo acadêmico, mas se ampliou às práticas de ensino de ambas as disciplinas, sobretudo no contexto de transição ao Novo Ensino Médio que vivenciamos ao longo do projeto.



Durante setembro de 2020 e março de 2022 atuamos essencialmente de forma remota, devido a pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos, fator que dificultou o vínculo com as escolas que atuamos, sendo essas o Centro de Ensino Médio Elefante Branco, o Centro de Ensino 02 do Cruzeiro e o Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas, todas localizadas no Distrito Federal.

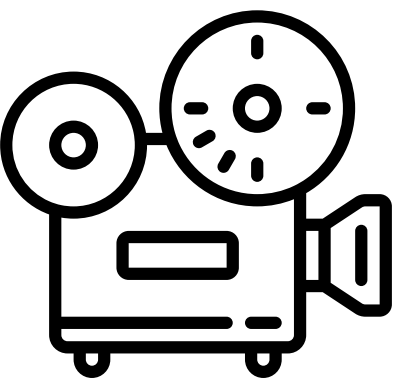
Ainda assim participamos de atividades da escola, organizamos questionários para tentar conhecer e nos aproximar da comunidade estudantil e também para divulgar as ações e materiais que produzimos nesse período, tendo como exemplo a produção de resenhas de obras que podem ser utilizadas como materiais didáticos interdisciplinares entre a História e a Sociologia, a produção e publicação de um podcast intitulado “Pibidiário” e a participação em congressos nacionais sobre o ensino de Sociologia e História.

Todavia, foi já no segundo semestre de atuação que conseguimos de fato ingressar nas atividades escolares, que assim como na Universidade, estava se dando de modo remoto. A partir de meses de estudos acerca do Novo Ensino Médio nos dividimos entre os quatro eixos trabalhados nas eletivas de ensino, que assim como o PIBID dialogam a partir de áreas interdisciplinares, e como resultado da eletiva de Processos Criativos surgiu a ideia do Cine Clube Lado B.



O eixo de Processos Criativos se volta para o desenvolvimento de expressões culturais, sociais, linguísticas e científicas, além de objetivar o aprimoramento da criatividade. Nesse sentido, trabalhamos na perspectiva de dialogar tal Itinerário Formativo (IF) com a discussão presente na atualidade de como espaços públicos articulam processos de lembrança e esquecimento, relacionando o contexto local e nacional a partir de histórias hegemônicas que foram legitimadas na construção da identidade brasileira.

Nosso projeto visa, principalmente, contemplar e abranger as temáticas referentes ao contexto do currículo em movimento, buscando temáticas que muitas vezes não são contempladas dentro das instituições de educação básica. Para isso, buscamos como maior objetivo trazer atividades que buscam criticar de forma argumentativa e reflexiva os limites e contradições de percepções reducionistas e/ou etnocêntricas (CHSA11FG), colocar em prática e considerar a importância da construção do pensamento crítico por meio da apreensão de conceitos (CHSA03FG), identificar por meio de documentos e arquivos históricos formas de registro de memória (CSA04FG), correlacionar o protagonismo social e as contribuições históricas, filosóficas e políticas (CHSA22FG), dentre muitas outras competências encontradas no currículo em movimento.



No decorrer desta cartilha, você encontrará relatos de experiência das pessoas envolvidas nas atividades do PIBID e da produção deste material, numa seção denominada "na prática". O intuito é compartilhar, para além do resultado final, um processo que não foi só intelectual e pedagógico, mas também de enfrentamento coletivo dos desafios impostos à Educação Pública na pandemia. Desejamos que os relatos aqui apresentados sirvam de inspiração e espelhamento, de forma a tornar o desafio de ensinar mais compartilhado.

Por fim, trazemos as seguintes inquietações para dentro do contexto de sala de aula: quais são os dois, ou mais, lados da nossa história e qual é o lado hegemônico? Qual é o objetivo da disputa entre essas narrativas e a importância de dar voz ao que é contra hegemônico nos espaços de sala de aula? É a partir dessas indagações que construímos o **Cine Clube Lado B** e esperamos que todo o conteúdo exposto em nossa cartilha mobilize debates enriquecedores, visando evidenciar as histórias que a História não conta e todo o processo de apagamento, relativismo e marginalização que permeiam a história do país e dos povos subalternizados.

na prática...

"Me parece impossível mensurar a importância de ter ingressado no PIBID como professora supervisora justamente no contexto de pandemia. Acredito que todas e todos que lecionaram no modelo remoto emergencial conseguem se relacionar com o sentimento de solidão e angústia que marcaram essa experiência, em especial na rede pública. No meu caso, professora em início de carreira e com poucos anos de experiência na Secretaria de Educação do DF, o desapontamento parecia ser ainda maior.

No primeiro semestre do edital as pibidianas não atuaram nas escolas, sendo as atividades do programa mais focadas em discussões teóricas e de estudo sobre as mudanças curriculares e do Novo Ensino Médio. Os encontros semanais foram espaços essenciais para elaborarmos, emocional e pedagogicamente, a experiência do ensino remoto, uma vez que o contato com demais docentes das escolas estava comprometido. Quando começamos a nos movimentar para elaborarmos as intervenções e atividades didáticas práticas, como a construção dos Itinerários Formativos, fui tomada por um profundo sentimento de medo por não ter a experiência necessária para entregar uma boa orientação às pibidianas que estavam comigo.

Para além da experiência que de fato era pouca, existia o peito aberto e a vontade de compartilhar tudo aquilo que aprendi e compreendi - e aquilo que não compreendi, também - nos meus cinco a seis anos de experiência docente. E do outro lado, pessoas com a gana de domar a Educação Pública nas mãos e se tornarem as professoras e professores

que idealizamos em conjunto nas nossas discussões, nas nossas leituras de bell hooks e nas expectativas de cada atividade construída.

As expectativas relacionadas às atividades foram difíceis de contornar. Não por mim; no período em que o PIBID não atuou nas escolas, eu acomodei bem o fato de preparar uma aula e ninguém entrar no *meets*, ou passar horas preparando um bom formulário didático e receber 90% de respostas copiadas da internet ou iguais entre si. Toda vez que planejávamos alguma intervenção o sentimento de ansiedade tomava de conta. Eu conseguia lidar com a minha frustração, mas como lidar com o fato de que a frustração seria também das futuras docentes que caminhavam comigo? Pra mim, residiu aí uma das maiores lições: a educação é compartilhamento.

Além da frustração que permeou o ensino na pandemia, compartilhamos também os pequenos sucessos. Apesar da atuação das pibidianas na escola não ter sido tão marcante quanto gostaríamos, as levei pra dentro de sala de aula comigo. Quando houve o retorno presencial, elaboramos formulários para comporem nota, atividades a serem aplicadas em sala e conversávamos sobre o que eu daria em sala para complementar as atividades do PIBID. Uma, em especial, foi sobre a discussão aqui proposta das estátuas em espaço público, em que as estudantes da escola tinham que pesquisar uma personalidade e propor uma intervenção pública como homenagem. Compartilhar o resultado dessa atividade com as pibidianas foi um algo a mais, e durante a aplicação a falta que eu sentia delas ali era, de certa forma, uma presença.

A experiência que tivemos com o PIBID foi longe do ideal, pouco contato de fato das pibidianas com o chão da Escola Pública. Mas não deixou de ser uma experiência compartilhada

dos desafios da educação naquele momento e do que está por vir. A cartilha que agora apresentamos a você é resultado das frustrações e da obstinação de pessoas comprometidas com a Educação Pública de qualidade e, pra mim, é uma amostra do que a educação pode ser - porque foi no PIBID, junto das estudantes de licenciatura, que a educação encontrou terreno fértil para se realizar.

A experiência que tivemos com o PIBID foi longe do ideal, pouco contato de fato das pibidianas com o chão da Escola Pública. Mas não deixou de ser uma experiência compartilhada dos desafios da educação naquele momento e do que está por vir. A cartilha que agora apresentamos a você é resultado das frustrações e da obstinação de pessoas comprometidas com a Educação Pública de qualidade e, pra mim, é uma amostra do que a educação pode ser - porque foi no PIBID, junto das estudantes de licenciatura, que a educação encontrou terreno fértil para se realizar.

Relato de Bibiana Rosa, historiadora e professora temporaria da Secretaria de Educação do Distrito Federal durante o ano de 2020 no CED 02 do Cruzeiro.



"Brasil, meu nego
Deixa eu lhe contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue pisado retinto
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
Tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês"

**"Histórias Pra Ninar Gente Grande",
samba enredo da Estação Primeira da
Mangueira de 2019.**



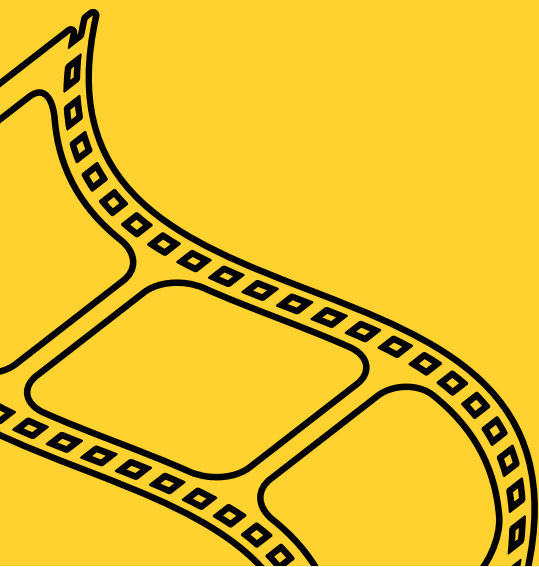
por que LADO B?

o direito à memória

O debate acerca do direito à memória tem estado cada vez mais presente no dia-a-dia da sociedade. Temas como: a derrubada ou não de estátuas, os questionamentos sobre o caráter e vida de homenageados, são atuais e se intensificam no debate público no mundo inteiro. Nesse sentido, os questionamentos sobre quem constrói e como é construída a memória de uma sociedade é um dos principais pontos dessa problemática. As indagações aqui propostas são: como é feito a escolha de quem é homenageado; o porquê figura A tem uma estátua em minha cidade a figura B não; o que em vida esses homenageados fizeram para que fossem considerados verdadeiros heróis? Todas essas são perguntas que geram ainda mais reflexões sobre **hegemonia** na história, que de forma evidente levam pessoas e grupos ao apagamento de suas memórias e de suas próprias trajetórias históricas.

Hegemonia

Poder que algo ou alguém exerce em relação aos demais; supremacia e domínio de uma cultura sobre outra. A ideia de superioridade étnica e de classe em relação ao outro, como meio de subjulgo.



Nesse contexto é que precisamos compreender como existe, sim, uma priorização de figuras em relação a outras. A escolha de uma narrativa predominantemente branca e europeia deixa evidente os critérios para compreender quem de fato tem o direito à memória. Enquanto grupos são postos às margens da própria história, esses são escolhidos para compor o panteão de heróis de uma nação.

Gabriel Schlickmann / Twitter



É nesse ponto que Chimamanda Adichie, em "O perigo de uma história única", nos alerta para as consequências dessa visão sobre a história. Um historiografia única desumaniza e impede que grupos se tornem protagonistas das suas próprias histórias, tornando-os apenas fontes para estereótipos. A população indígena e africana, no Brasil, é o exemplo evidente desse apagamento histórico: a historiografia por anos os colocou à margem da história, sem a possibilidade de voz a eles, que foram postos sobre a visão única do colonizador. Assim, somos apresentados por toda nossa vida ao "Lado A" da História do Brasil e do Mundo. Um "Lado" que não os representa, os estereotipa e os coloca como meros coadjuvantes dentro dessa construção da memória de uma sociedade.

Precisamos, portanto, direcionar nosso olhar para o "Lado B" da fita histórica. Um "Lado" que, através da abordagem histórica social, podemos dar o protagonismo devido a esses grupos até hoje marginalizados. Uma nova visão que negue a desumanizante história única. Uma História contra-hegemônica, que estimule esses grupos a transmitir suas próprias histórias. Garantindo, assim, os seus direitos à memória.



Howard County Library Systemer / Flickr

Historiografia

Estudo de como a história é escrita e como nossa compreensão histórica muda com o tempo. Enquanto o passado em si nunca muda, a escrita da história está sempre evoluindo. Novos historiadores exploram e interpretam o passado.

Duque de Caxias (1803-1880)

Membro de uma aristocracia militar, Luís Alves de Lima e Silva é o patrono do exército brasileiro e um dos membros máximos do panteão de heróis nacionais. Vindo de família tradicional, seguiu a tradição militar se alistando na Real Academia Militar com apenas 15 anos. Anos após, destacou-se na Guerra da Independência, na qual em 1824 foi promovido a capitão do Exército ainda muito jovem. Ganhou alta notoriedade durante as revoltas regenciais, como a Guerra dos Farrapos, nas quais comandou heroicamente as repressões aos *revoltosos*. Ganhou fama, e já no governo do jovem imperador Dom Pedro II, continuou em seu papel que lhe daria a alcunha de "*pacificador*". Em especial, a Revolta da Balaiada foi um dos seus maiores triunfos, onde ele derrotou os *rebeldes* tomando de volta a cidade então capturada de Caxias. Esse feito lhe deu o título de nobreza, Barão de Caxias. Posteriormente, após suas vitórias na Guerra do Paraguai, Luís Alves chegaria à titulação máxima de nobreza, Duque de Caxias, e se consagraria a herói nacional.

Fernando Moraes / Veja São Paulo



EXEMPLIFICANDO

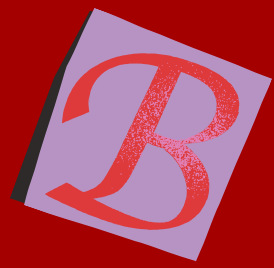


Duque de Caxias (1803-1880)

Para além da fabricação histórica de Duque de Caxias, a aristocracia militar ao qual Luís Alves de Lima e Silva fazia parte lhe deu privilégios dentro do Exército. Fato esse que foi intensificado e corroborado quando seu pai, Francisco de Lima e Silva, tornou-se um dos 3 regentes no período regencial. Assim como seu pai, era fortemente ligado à política da época. Engajado no Partido Conservador, defendia a manutenção da escravidão, sendo um verdadeiro escravocrata. O seu papel nas repressões às revoltas foi de desproporcional violência.

Busto de Duque de Caxias, no Redenção, amanhece coberto por um saco de lixo, 21 de setembro de 2021.

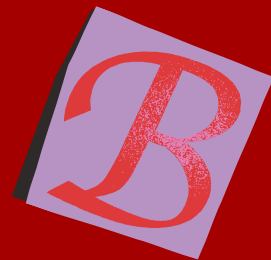




revolta da Balaiada (1838-1841)

Um dos grandes mitos que rondam a História do Brasil é que o nosso povo é *pacífico* e nosso percurso enquanto país não foi marcado por grandes conflitos. Se pararmos para pensar um pouco sobre Palmares, ou então, na resistência secular dos povos indígenas, essa afirmação cai por terra. A construção de mitos nacionais serve a uma narrativa oficial e tem como efeito o apagamento das experiências que a contradizem. O mito do povo brasileiro cordial apaga as diversas lutas de resistência que constituem o que estamos chamando de Lado B da nossa história.

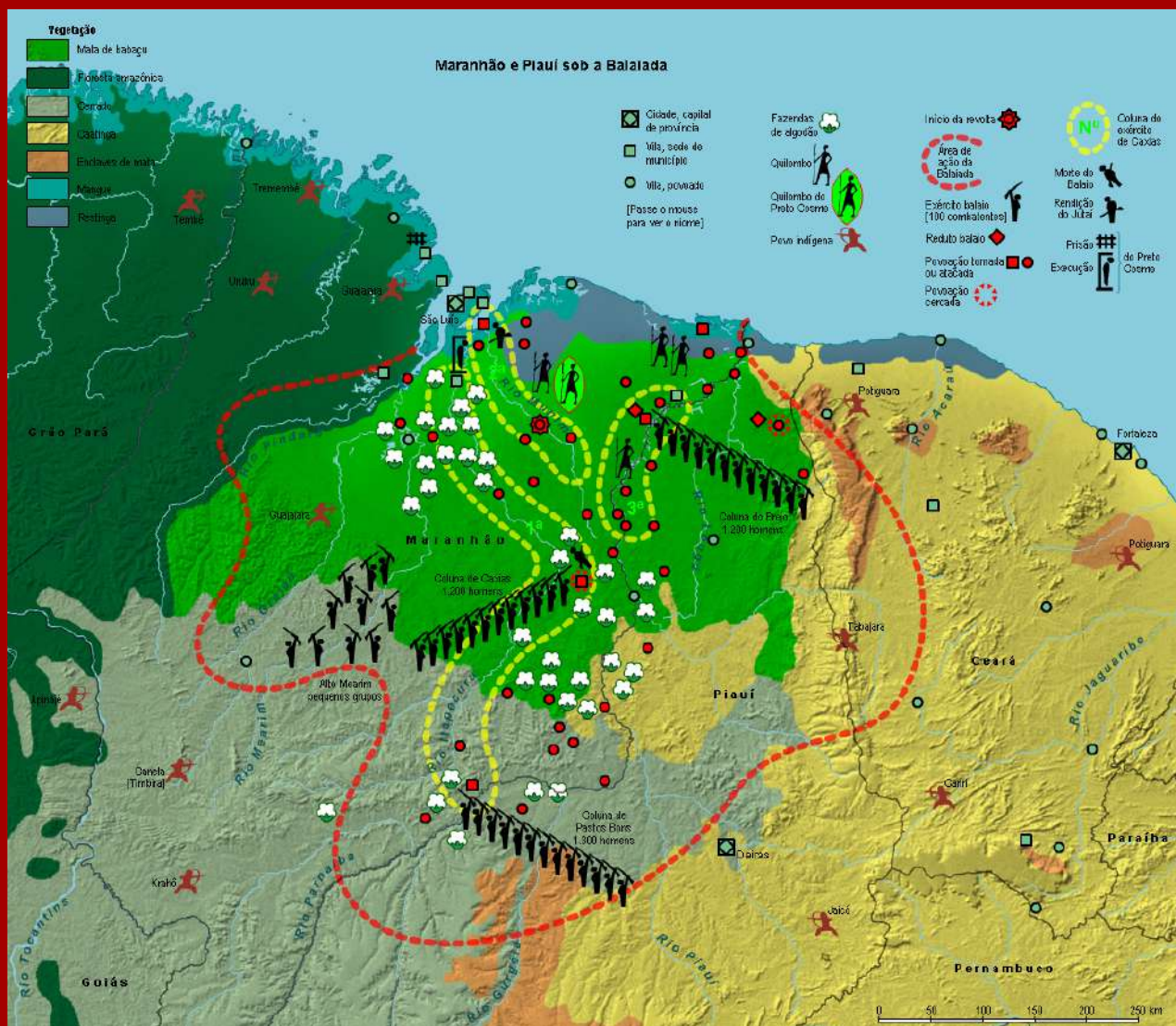
A Balaiada é exemplar dos perfis dos "rebeldes" aos quais Luis Alves tanto combateu: eram em sua maioria pretos, mestiços e pobres que por muitas vezes lutavam por melhores condições na sociedade de extrema desigualdade. A Balaiada é símbolo do que era a tal "*pacificação*" levada pelo Duque: ela tinha cor e classe social. É certo que todo o conceito de sociedade e paz que Caxias e o governo que representava queriam para o Brasil não compreendia a vida dos indígenas ou negros e seus descendentes, mas tão somente a manutenção das estruturas coloniais e da hegemonia do poder imperial.



Manuel Balaio (sem registro)

A Balaiada é um exemplo das diversas experiências de rebeldia e revolta que, a partir de alianças populares, contestaram os donos de terras e do poder - Cabanagem, Praieira, Canudos, para ficarmos no século XIX. Heroínas e heróis desses movimentos ou são apagados ou, muitas vezes, são descolados de sua radicalidade política. É o caso de Manuel Balaio, um dos três principais líderes que comandaram esta que foi uma das maiores rebeliões populares de nossa história. Depois de um episódio em que forças policiais do Império violentaram suas filhas, como era costume fazerem com a população, ele se juntou ao então capataz Raimundo Gomes e ao líder quilombola D. Cosme e lideraram a rebelião.

Balaio não consta em registros oficiais, de modo que o acesso que temos a sua memória se dá por narrativas orais que passaram de geração em geração ou, então, por registros militares que o reduziam a um mulato delinquente. Mesmo sem termos informações sobre sua biografia, Manuel Balaio representa o conjunto de pessoas que se levantaram contra a opressão seu tempo: pessoas escravizadas; negras e indígenas livres; mestiços; quilombolas, camponeses, artesãos; vaqueiros; sertanejos - o povo pobre e da terra que construiu esse país e ainda hoje recebem pouca, ou quase nenhuma, homenagem no espaço público.



Mapa do Maranhão e Piauí sob a Balaiada. "O Atlas Histórico. Brasil 500 anos" - produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Acesso em: <https://atlas.fgv.br/marcos/o-imperador-menino-e-os-regentes/mapas/maranhao-e-piaui-sob-balaiada>

Mapa da província do Maranhão em 1838, ano de início da revolta. ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. "Histórias do Balaio": Historiografia, memória oral e as origens da Balaiada. IV Encontro Nacional de História Oral, Recife, p.85, nov. 1997.





atividades mobilizadoras

Para o projeto ter coesão, elaboramos duas atividades mobilizadoras que tem como objetivo apresentar conceitos e temáticas que se relacionam com o tema norteador do Cine Clube Lado B, o direito à memória e sua relação com as diversas opressões estruturais da sociedade brasileira.

A ideia é que, a partir de todo o conteúdo exposto anteriormente, o processo de ensino-aprendizagem seja mobilizado por meio dos recursos audiovisuais propostos e construído de maneira coletiva por meio do debate.

É importante salientar que o uso de recursos audiovisuais em sala está em diálogo com a lei 13.006/2014, que complementa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que obriga a exibição de, no mínimo, duas horas mensais de cinema brasileiro nas escolas, como complemento às atividades curriculares.

Todas as atividades foram construídas com base nas experiências vivenciadas em formato virtual no CED2 do Cruzeiro e sob luz do documento "Tem cor no ensino, propostas de atividades". Reforçamos que as atividades propostas têm caráter norteador, afinal, sabemos como é sempre necessário adaptações para a realidade da escola e de acordo com o perfil da turma.

proposta



refletir sobre memória e espaço público

Conceitos: reparação histórica, direito à memória e ao espaço público.

Contexto: Nos últimos anos, inúmeros eventos promovidos por movimentos contrários aos símbolos do colonialismo reforçam a ideia de que memória é um campo em disputa. Em 2020, cordas para amarrar e derrubar estátua de Cristovão Colombo em Barranquilla, na Colômbia; em Londres, estátua de Edward Colston, dono de escravizados é derrubada e jogada no rio river Avon, e em 2021, estudantes trocam o nome da Ponte Costa e Silva para Honestino Guimarães no Lago Sul, Brasil.

Objetivo: Refletir, como chama atenção a historiadora Ana Lúcia Araújo, de que forma a permanência de símbolos (estátuas, nomes de ruas e/ou praças, parques, pontes) corresponde a sociedade na qual estão inseridos atualmente.

Instruções: Leitura coletiva do projeto de lei n.º 5.296, de 2020, elaborado pelas deputadas Talíria Petrone (PSOL/RJ), Áurea Carolina (PSOL/MG) e pelo deputado Orlando Silva (PCdoB/SP), que dispõe "sobre a proibição de homenagens a proprietários de escravos, traficantes de escravos, pensadores que defenderam e legitimaram a escravidão em monumentos públicos, estátuas, totens, praças e bustos ou qualquer outro tipo de monumento". Além disso, um cine clube não é um cine clube sem um recurso áudio visual, por isso, também indicamos o documentário "A cidade é uma só?" produzida pelo goiano Adirley Queirós, disponível no Youtube.

proposta

refletir sobre memória e espaço público



Trabalho em grupo: Orientadas pela compreensão de que a pesquisa pode ser acionada como estratégia metodológica impulsionadora de práticas bastante inovadoras, pensamos em duas atividades mobilizadoras que partem da *investigação científica*.

1. Divida a turma em dois, e em cada metade peça que formem 5 grupos.
2. Os grupos do Lado A farão uma pesquisa em jornais, impressos ou virtuais, sobre a derrubada de estátuas pelo mundo. A ideia é que cada grupo do Lado A selecione uma estátua que foi derrubada e elabore um cartaz bibliográfico sobre o/a personagem escolhido.
3. Enquanto isso, cada grupo do Lado B representará uma região do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste). A partir de pesquisa no google maps, o objetivo será mapear nomes de ruas, praças ou pontos que homenageiam figuras ditatoriais ou coloniais e propor uma personagem em contraponto para que, *se aquela rua fosse sua*, uma outra figura da região fosse homenageada.

- Para a região nordeste, indicamos o site:
<https://www.salvadorescravista.com/>.

Modelo de entrega: Todos os dados coletados serão anexados em formulário, impresso ou virtual, para posteriormente serem apresentados para a turma presencialmente. Lembre-se de indicar sites seguros e fontes confiáveis para a pesquisa, além de conversar sobre plágio e produção de escrita autoral.

EUA: 73 monumentos confederados foram removidos ou renomeados em 2021

Segundo ativistas e historiadores, essas estátuas são símbolos do racismo no país desde a Guerra Civil



Tia Ciata, Milton Santos e outras personalidades negras viram nomes de ruas no Porto

Homenagens foram publicadas nesta sexta em decreto de Eduardo Paes. Dodô da Portela e a pintora Tia Lúcia também batizam novas vias da região

Ludmila de Lima

19/11/2021 - 06:00 / Atualizado em 19/11/2021 - 16:50



/ Últimas notícias

Cadê as mulheres?

Em Goiânia, nomes de ruas e avenidas são majoritariamente masculinas

sábado 30 abril 2022 7:32 Por Rafaela Ferreira

Em um levantamento dos nomes dos espaços públicos e urbanos de Goiânia, há disparidade numérica entre homenagens para figuras históricas masculinas e femininas

na prática...

"Eu e Beatriz Amorim ficamos com a abertura da nossa oficina, o Cineclube Lado B, no qual fomos os responsáveis em introduzir o tema que iria nos nortear: direito à memória. Para isso, escolhemos abordar esse assunto por meio da exposição e debate sobre Duque de Caxias, no contexto de derrubada de estátuas e o recente incêndio do monumento de Borba Gato, em São Paulo. Debate que estava ainda quente na época. No cenário de pandemia e, até então, aulas remotas, a abertura da oficina foi feita de forma digital pelo Google Meets. Desse modo, uma semana antes da aula, elaboramos um formulário com perguntas e caixas de texto sobre o tema para nos nortear acerca de quanto os alunos sabiam sobre o assunto.



Tim Bradbury / Getty Images

Uma estátua de Cristóvão Colombo é vista com a cabeça removida no Christopher Columbus Waterfront Park em 10 de junho de 2020 em Boston, Massachusetts.

na prática...

Já com o resultado das respostas, em planejamento, nós dois elaboramos materiais, via Canva, com o título “Desconstruindo Duque de Caxias”, no qual o nosso objetivo era introduzir, por meio dessa figura histórica, as questões que permeiam a construção da memória. Nesse sentido, em primeiro momento, planejamos apresentar o “Lado A”, o lado da História oficial sobre Caxias e sua participação nas revoltas, destacando sua construção de herói da pátria que somos acostumados a ouvir. No segundo momento, em contraponto, o planejamento era introduzir de fato o clube, e demonstrar uma outra visão histórica a respeito dessas revoltas, destacando a Balaiada.

Nosso objetivo principal era apresentar, no contexto da Balaiada, os motivos e o perfil desses revoltosos, que são genericamente vistos apenas como desordeiros pacificados por um herói nacional. Visão que buscamos “desconstruir” apresentando uma perspectiva sociológica do passado, evidenciando a realidade violentíssima e escravista que Caxias representava, algo que comumente não observamos no relato acerca de sua memória. Por consequência, buscamos destacar como são arbitrárias as escolhas de exaltar a memória de uns em detrimento a outros.

Na prática, infelizmente tivemos a presença de apenas quatro alunos na chamada ao vivo, assim, decidimos gravar a aula para os demais. Desafio esse que conseguimos superar com a participação desses poucos. Como planejado, fiz a primeira parte uma aula expositiva sobre a vida de Duque de Caxias, expondo seu caráter heroico presente no imaginário popular. Essa parte como esperado não teve muita participação, com

na prática...

algumas manifestações via chat. A segunda parte, feita pela Beatriz, foi sobre o olhar através da História social sobre a Balaiada, relatando a vida dos revoltosos e suas reais motivações. Em seguida, apresentamos a desproporcional repressão do Duque à revolta, acentuando a existência de dois lados no conflito. Momento que gerou manifestações de interesse por parte dos estudantes.

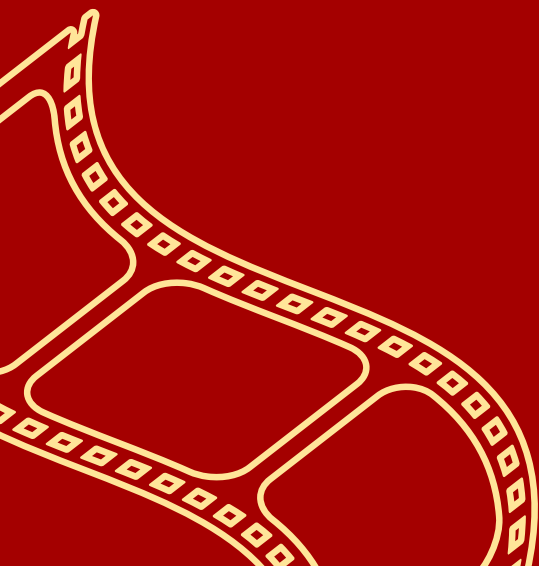
Daí, como forma de trazer para o debate contemporâneo, abrimos a discussão sobre os casos de estátuas derrubadas e modificadas, com o enfoque caso específico de uma intervenção a um busto do Duque de Caxias. Assim, ao abrir para debate, houve por parte de uma das alunas comentários e questionamentos sobre “o processo de escolha dos nossos heróis”, como é feita a escolha de “quem vai ter uma estátua em minha cidade”. Nosso objetivo principal foi realizado. Com isso, pensamos em realizar uma dinâmica, algo que deu bastante certo: usar uma ferramenta didática, o *Menti*, para avançarmos no debate. Assim a ferramenta foi usada para os alunos responderem a seguinte pergunta: “quem gostariam que tivesse uma estátua na sua quebrada?”. Positivamente vimos respostas interessantes como Dandara, Leopoldina e até mesmo os revoltosos da Balaiada.

Autoria não identificada



Embora a limitação de recursos e a falta dos demais alunos, tivemos uma boa experiência de introduzir nosso Clube aos estudantes. Infelizmente não tivemos a experiência de entrar de fato em sala de aula, no entanto, essa nossa primeira experiência do “outro lado”, foi bastante positiva. Acho que acumulamos erros e acertos que com certeza me nortearão numa possível volta, dessa vez presencial, à docência. Como em uma participação tão pequena houve sim colaboração ativa, seja via chat ou voz, as esperanças para as atividades que estavam por vir foram grandes, principalmente com o tão esperado cine debate, que viria a ter mais de 20 participantes. Dessa forma, o grupo no todo também teve muito a aprender, seja com o formulário anterior à aula, seja com a dinâmica que foi passada ou com os apontamentos dos alunos que participaram.

Relato de Thaianne Miranda,
pibidiana bolsista e graduanda
em História pela Universidade
de Brasília.



na prática...

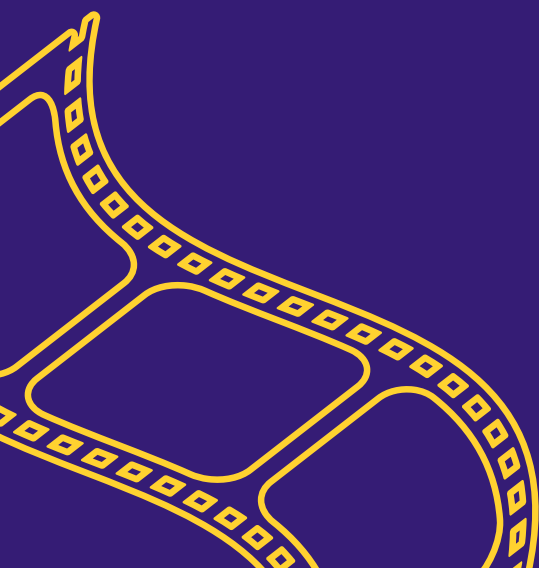
"Para conseguirmos ter uma dimensão dos conhecimentos prévios dos educandos em relação ao conteúdo da oficina "Desconstruindo Duque de Caxias", eu e Pedro Sampaio elaboramos um questionário prévio com questões em relação ao assunto, bem como relacionando o tema elucidado com a questão das estátuas que homenageiam figuras históricas escravagistas.

Em primeiro lugar, trouxemos a questão sobre quem era Duque de Caxias e qual papel cumpriu na história. Nesse sentido, a maior parte das respostas que obtivemos recorreram ao senso comum, referindo-se ao militar como "herói de guerra" ou "pacificador", ressaltando a sua importância para o fim da revolta da Balaiada. No que se trata a este acontecimento histórico, chama a atenção o fato de que nenhum dos alunos demonstrou ter entendimento da ponta de lança que deu origem da guerra ou seus protagonistas e líderes negros, indicando assim o objetivo e importância da aplicação de nosso eixo temático como oficina e debate.

Assim, para introduzir o questionamento de quem tem direito à memória e fomentar a discussão, trouxemos uma notícia no formulário referente a ação política realizada em São Paulo por manifestantes que atearam fogo na estátua de Borba Gato, acontecimento recente que estava sendo palco de grande debate no momento da realização da aula. Repara-se que, neste tópico, grande parte dos alunos realizaram respostas indicando estarem cientes do acontecido e souberam analisá-lo de forma crítica.

Embora a limitação de recursos e a falta dos demais alunos, a aplicação do formulário foi imprescindível para entendermos de forma mais clara de qual ponto iria se partir a aula síncrona a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, bem como para conseguirmos introduzir o assunto aos alunos, que já realizaram uma pesquisa referente ao assunto abordado para respondê-lo e chegaram no momento da aula com reflexões acerca da questão das estátuas e com atenção em relação aos outros personagens históricos que estão presentes na revolta da Balaiada."

Relato de Pedro Sampaio,
pibidiano bolsista e graduanda
em História pela Universidade
de Brasília.



proposta



refletir sobre estereótipos e povos originários

Conceitos: colonização, pertencimento étnico, fenótipo e estereótipo.

Contexto: Iniciada em agosto de 2021, a discussão sobre o Marco Temporal no Supremo Tribunal Federal têm colocado o foco nos movimentos pelos direitos dos povos originários. Mais de 6 mil indígenas de diversas etnias ocuparam o centro de Brasília para acompanhar a votação da tese que defende que populações originárias podem reivindicar demarcação de terras somente se a ocupavam na data da promulgação da constituinte. A ação trata de um pedido de reintegração de posse do governo de Santa Catarina contra o povo Xokleng. O episódio demonstra a importância de refletir sobre a diversidade originária do país e o direito à terra como garantia de pertencimento étnico e resistência ao colonialismo.

Objetivo: Refletir sobre a invisibilidade da agência dos povos indígenas na história do Brasil e como isso colabora com a criação de estereótipos, em especial de que são povos presos ao passado.

Instruções: Leitura coletiva da carta aberta redigida pelas lideranças do Acampamento Luta pela Vida (2021) e entregue em ato simbólico aos ministros do STF. E, para auxiliar no entendimento do problema, recomendamos o vídeo disponível no Youtube "Povos Indígenas do Brasil", do comunicador indígena Cristian Wari'u Tseremey'wa e o clipe do rap "Xondaro Ka'aguy Reguá", do cantor indígena OWERÁ.



proposta

refletir sobre estereótipos e povos originários

Trabalho em grupo: Orientadas pela compreensão de que a pesquisa pode ser acionada como estratégia metodológica impulsionadora de práticas bastante inovadoras, pensamos em duas atividades mobilizadoras que partem da *investigação científica*.

1. Divida a turma em dois grupos, e em cada metade peça que formem 5 grupos.
2. Os grupos do **Lado A** consultarão os seguintes materiais: trecho da Carta de Pedro Vaz de Caminha; a pintura "Iracema", de José Maria de Medeiros (1844) e a música "Baila Comigo", da Rita Lee. A partir da análise, cada grupo deverá identificar quais estereótipos estão presentes. Lembre de chamar a atenção sobre as diferentes naturezas e temporalidades dos materiais.
3. Enquanto isso, cada grupo do **Lado B** representará uma região do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste). A partir de pesquisa no google, o objetivo é escolher uma etnia de cada região e preparar uma apresentação para expor para a turma detalhes sobre o povo escolhido. Para a pesquisa, indicamos o site: <https://pib.socioambiental.org/pt/>.

Modelo de entrega: Os grupos do **Lado A**, em data escolhida coletivamente, apresentarão estereótipos indetificados nas obras sugeridas. Em seguida, os grupos do **Lado B**, irão contrapor os estereótipos elecandos a partir da exposição de detalhes da etnia escolhida. Incentivamos a exposição dos dados de forma criativa, por meio de poesias ou contos, confecção de cartolinas e/ou lambes.

na prática...

"O Lado A da historiografia contribui para a cristalização de povos originários e para a produção de estereótipos, tema discutido no segundo encontro temático do Cine Clube Lado B via google meet para estudantes do CED2 do Cruzeiro, região administrativa do Distrito Federal. No encontro utilizamos três recursos: o Menti que é uma plataforma online para a criação e compartilhamento de slides com interatividade, o Youtube e o Canva. Buscamos dialogar com conteúdos iniciais vistos em sociologia e história para o primeiro ano do ensino médio, como a colonização e o impacto da invasão do território americano para os povos originários. No menti, dividimos uma tela com a pergunta "Quais são os estereótipos associados aos povos indígenas?" e uma obra visual da artista indígena Daiara Tukano. Questionamos todas e todos os estudantes sobre quais eram as palavras que tradicionalmente associavam aos indígenas e pedimos que escrevessem na plataforma, que funciona como uma chuva de palavras. Logo o primeiro estranhamento se deu pelo termo *indígena* ao invés de índio, que segundo Daniel Munduruku, possui significância ficcional e popularizou-se por conta do sistema educacional brasileiro. Quem nunca no dia 19 de abril recebeu um cocar com apenas uma pena, teve seu rosto pintado similar a todos seus/suas colegas de turma?

No Brasil há mais de 800 mil indígenas de mais de 246 etnias, com centenas de variedades linguísticas. Esses povos ocupam cerca de 13% de todo território nacional, estando sua grande maioria presentes na Amazônia Legal. A enorme quantidade de riquezas naturais, colocam a Amazônia, e diversos outros espaços já homologados como reservas, em constante disputa entre os povos originários e setores extrativistas que desejam explorar esses territórios. De tudo aquilo que sobrou da floresta, com a intensificação do desmatamento nos últimos anos, as demarcações indígenas representam cerca de 25% da área preservada. Assim, as terras indígenas servem como barreiras contra o desmatamento. Nesse cenário, entender a participação de setores privados e do Estado no processo de devastação da floresta, é entender a enorme importância da resistência indígena como também resistência ambiental.

saiba mais

A ideia do "indíio" também está presente nas palavras e descrições trazidas pelos estudantes como "selvagem", "andam pelados", "preguiçosos", "vivem na floresta" e ainda "não possuem contato com tecnologia". Com a nuvem de palavras, questionamos qual o significado da palavra estereótipo e ainda, questionamos também se alguém presente saberia a origem de todos os pre-conceitos popularmente compartilhados sobre os povos originários. Pois bem, a origem dos estereótipos seria o segundo momento do nosso encontro. A partir de uma exposição de slides organizado na plataforma Canva, na primeira parte ilustramos a inversão que o próprio Lado B propõe em suas atividades com o quadro "Missionário comido pela onça" de Noé León para colocarmos uma pulguinha na orelha sobre o papel dos missionários e o impacto das missões cataquizadoras.

"A palavra "indio " é uma ficção que foi introjetada na mente dos brasileiros pelo sistema oficial de ensino. É uma palavra que não diz quem somos, mas o que as pessoas acham que somos. Ela nega o que somos porque assim aprendemos. Para que novos significados façam parte de nosso repertório, é necessário criarmos consciência do que os povos indígenas são, de verdade."

Documentário "Falas da Terra",
produzido pela Rede Globo.

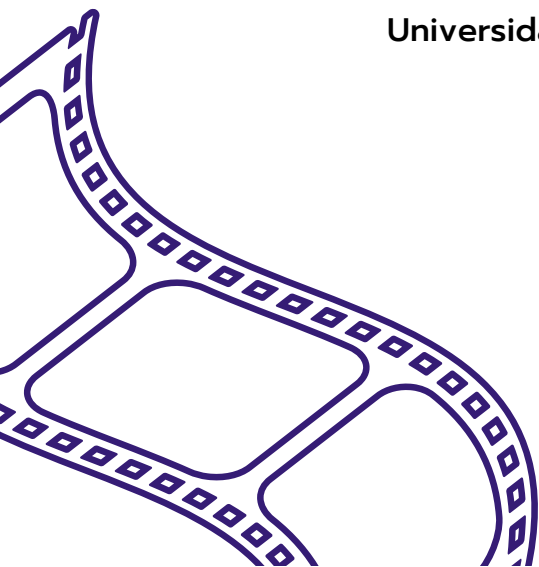
Autoria não identificada



Com aquela imagem do "índio" do dia 19, apresentamos uma série de documentos como a Carta de Pedro Vaz de Caminha, músicas populares brasileiras e obras visuais como Iracema de José Maria de Medeiros que exemplificam como historicamente os povos indígenas foram congelados como bons selvagens, desprovidos de moralidade, de cultura e hábitos. Mas calma lá, existe mesmo um "índio" assim? A noção eurocêntrica sobre os povos originários ignora a pluralidade dos mais de 256 povos falantes de mais de 150 línguas, segundo dados do IBGE (2010). Para exemplificar, utilizamos um vídeo produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA) com os Baniwa, residentes no Alto Rio Negro, que de certa forma ironiza todos os estereótipos que o senso comum compreende como "índio".

Por último, também trouxemos uma série de digitais *influencers* indígenas que por meio de vídeos curtos discorrem sobre estereótipos e quebram com a ideia que indígena não tem acesso a tecnologia ou que por ter acesso, é menos indígena. E sobre a pintura no rosto que fizeram em você na época da escola, não tá com nada, o grafismo indígena também é plural."

**Relato de Laísa Fernanda,
pibidiana bolsista e graduanda
em Ciências Sociais pela
Universidade de Brasília.**





Portfólio CURA

Daiara Tukano pintou, em setembro de 2020, o mural "Selva Mãe do Rio Menino" de 1006 m², na fachada do edifício Levy, considerado o maior mural do mundo feito por uma artista indígena, que retrata a mãe selva carregando o menino rio no colo.

o cine clube

Com o Cine Clube Lado B, buscaremos juntos debater questões ainda abertas sobre o direito à memória por meio de recursos audiovisuais, para entender como a percepção histórica e sociológica sobre as obras propostas nos ajudam a interpretar a realidade social. Por isso, nosso principal exercício é a quebra de estereótipos que estão fortemente presentes no nosso cotidiano, a partir da desconstrução de narrativas hegemônicas. E assim, introduzir aos estudantes um novo olhar sobre a História: o seu Lado B!

Isis Medeiros / Mídia Ninja



roteiro

Uma história de amor e fúria (2013)

“Uma História de Amor e Fúria” é uma animação produzida pelo roteirista e diretor brasileiro Luiz Bolognesi. O longa tem como foco contar a história de um guerreiro indígena, de origem tupinambá, que se torna imortal por conta de sua tarefa de defender seu povo dos males do futuro. Dialogando com a ideia do bem e do mal, o guerreiro imortal deve defender os seus das provocações do Deus mau e de seus seguidores, os dominadores.



Essa tarefa, entretanto, tem como consequência que o protagonista abra mão do amor de sua vida, chamada Janaína. Para reencontrá-la, o guerreiro passa por períodos históricos da História do Brasil, desde os conflitos indígenas antes da invasão portuguesa e posterior colonização, a revolta Balaiada no período regencial, no Maranhão, a ditadura militar e, representando a atualidade, um tempo fictício no ano de 2096, momento no qual o maior problema é a falta de água.

Dialogando a obra com o tema do “direito à memória”, durante o filme fica evidente que, independente do tempo em que o personagem se encontra, ele carrega consigo lembranças de suas vidas passadas. Essas memórias são relevantes para sua construção enquanto guerreiro, e por isso o próprio personagem pontua que “viver sem conhecer o

Uma história de amor e fúria (2013)

passado é andar no escuro". Nesse sentido, as reflexões sobre o direito à memória e outros fenômenos sociais não se restringem ao protagonista e às suas lembranças, mas se ampliam ao seu embate com os dominadores. Exemplo disso é o diálogo que o personagem tem com seu par romântico, questionando-se o motivo de lutar ao lado apenas de quem perde as batalhas. Janaína, por sua vez, o retruca rebatendo que apesar de estar do lado que perde, está do lado certo.

Afinal, qual seria o lado errado e o lado certo da história? O filme evidencia a disputa entre aqueles que contam a história contra aqueles que são silenciados. O guerreiro imortal, quando vivencia a revolta da Balaiada (1838-1841), durante o Período Regencial, luta ao lado dos escravizados reivindicando melhores condições de vida e contra o abuso de poder das autoridades. Esse último ponto é abordado diversas vezes no filme e enfatiza a reflexão dessa característica durante aquele período.

Já no século 20, pelos anos 60, nosso herói viaja até o período de Regime Militar (1964-1985), no contexto em que foi colocada em vigor a lei do AI-5 e a perseguição das milícias por parte do governo. Essa lei decretava o fechamento dos trabalhos do Congresso Nacional, e dava autorização ao presidente de decretar estado de sítio, cassar mandatos, confiscar bens privados e assim por diante.

Em síntese, o longa abre margem para questionarmos qual é a narrativa dos acontecimentos históricos que prevalecem. No caso da Balaiada, se é a da população que, insatisfeita com as péssimas condições impostas durante o Pe-

roteiro

Uma história de amor e fúria (2013)

ríodo Regencial em uma crise política no Brasil Império, ou a daqueles que, à mando da elite da época, foram responsáveis pela morte de inúmeros cidadãos em nome da ordem social, sendo, nesse caso, o Exército. A figura do coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, responde tal indagação, visto que até os dias de hoje temos ruas e até mesmo uma cidade que leva seu nome, representando a ideia de um grande herói nacional. Dessa maneira, busca-se refletir sobre o lado da história silenciado.

questões mobilizadoras

- Quem é o guerreiro imortal e por quais motivos ele luta?
- Quem são os dominadores? Por que eles são caracterizados com esse nome?
- Os momentos históricos vividos pelo guerreiro imortal ressaltam a disputa por narrativas em conflitos e a maneira como os denominados “dominadores” sempre possuem suas versões prevalecidas. Dessa forma, de que modo a memória daqueles subalternizados é negada? Tendo o exemplo da Balaiada e da Ditadura Militar.
- Durante o filme é dito que nos livros de história a revolta da Balaiada não retrata o contexto do período regencial e Duque de Caxias como um dominador. Por que isso acontece?

roteiro

Branco sai, preto fica (2015)

“Branco sai, preto fica” foram os dizeres de um dos policiais da tropa de choque ao invadirem o baile black do Quarentão, na Ceilândia. Marquim foi atingido pela arma da polícia que o deixou paraplégico aquela noite. Sartana, outra vítima, tentou correr do local, sendo ferido por um dos cavalos da polícia, resultando em uma amputação de sua perna, que foi substituída por uma prótese. Dimas Cravalanças, agente do Estado em 2073, retorna ao passado para encontrá-los e provar os crimes do governo cometidos contra as populações negras e de periferia.

Misturando ficção com realidade para denunciar a violência estatal perpetrada polícia, o filme de Adirley Queirós retrata um acontecido se estabelece na década de 1970, período em que a Campanha de Erradicações – CEI surgiu com o objetivo de remover assentamentos e ocupações ilegais dos arredores do Plano Piloto, realocando-os para uma região a aproximadamente 30km da capital, dando origem a Ceilândia. Sem nenhuma infraestrutura urbana, os moradores construíram o local por conta própria, advindo a famosa caixa d’água localizada no centro da Ceilândia que, para além da conquista do saneamento básico, é um símbolo histórico da



Branco sai, preto fica (2015)

luta dos ceilandenses. Entretanto, entende-se que a Ceilândia, assim como outras regiões administrativas, não é priorizada quando se refere a forma que a história do Distrito Federal é contada, de modo com que a própria população desconhece sua origem e patrimônio, ressaltando-se o perigo de uma história única.

Concomitantemente com a violência socioespacial, o acontecido no Quarentão exemplifica o racismo institucional, que atua como um bloqueio para que a identidade social e cultural do negro. Neusa Santos Souza (1983) afirma que mesmo após a superação da sociedade escravocrata, a raça continua exercendo funções simbólicas no Brasil, possibilitando a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe.

Dessa forma, a estrutura estatal racista discrimina corpos negros para deslegitimar o seu lugar existencial, punindo o negro que tenta sair do lugar de opressão destinado para si pelas intervenções racistas. O baile black do Quarentão representava uma festividade negra em que eram celebrados o cabelo crespo, os passinhos, as roupas, desenvolvendo o vínculo comunitário da juventude com o espaço que ocupam.

A ação da polícia militar age, primeiramente, de modo simbólico, ao deduzirem a partir dessas características que se poderia invadir o local com truculência, visto a culpabilidade das vítimas por sua cor e classe social. Em segunda ordem, demonstra-se como um ato de silenciamento e desmobilização, de modo a inibir a organização de jovens negros da periferia em prol de sua diversão, deixando-os incapacitados física e mentalmente.

questões mobilizadoras

Branco sai, preto fica (2015)

- A ação da polícia militar neste caso aconteceu em 1970, e segundo uma pesquisa de 2021, pessoas negras representam 78,9% das vítimas de intervenções policiais no Brasil. Na sua percepção, por qual motivo essa história continua se repetindo?
- Dimas Cravalaças volta no tempo para encontrar Marquim e Sartana, em busca de provar os crimes cometidos pelo governo contra as populações negras e de periferia. Se você pudesse voltar no tempo para provar um crime contra as populações marginalizadas que saiu impune, qual seria?
- O racismo se demonstra em diversas nuances e espectros diferentes. Descreva de que forma o racismo institucional atua.
- No filme, um morador da Ceilândia precisa adquirir um passaporte de acesso para adentrar Brasília. Essa é uma das formas de violência socioespacial demonstradas na ficção, você consegue pensar em outras que acontecem na realidade?
- Ao policial dizer “branco sai, preto fica” na ação, o que ele está presumindo?

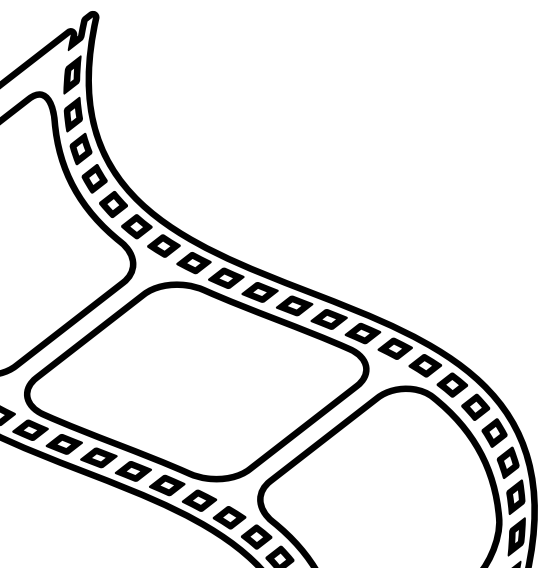


"Eu venho de uma família que é muito enraizada na cultura negra da Ceilândia, mas sempre teve dificuldade de perceber isso. Por exemplo, os meus pais eles frequentavam o "Quarentão", gostavam de música black, sabem dançar passinho, mas eu acho que meus pais só foram compreender mesmo que eles são negros e o que é ser negro no Brasil depois que eu entrei na universidade. Foi quando a gente começou a fazer essa discussão em casa. E isso teve um impacto muito forte na minha identidade, por exemplo, desde pequeno meus pais sempre pegaram muito no meu pé para eu não usar roupa de banda, roupa de bandido. Mas o que eu mais queria era usar roupa de bandido né, que é o que eles chamam de mala, de peba. E eles demoraram muito para entender que essa visão que a gente tem de atrelar periculosidade à uma roupa também é uma forma de discriminação e preconceito racial e de classe também. Então, por exemplo, eu passei a minha juventude "tendo" que usar as vestimentas do hip hop escondidas dos meus pais porque eles não aceitavam muito.



Eu passei o início da minha identidade enquanto ceilandense escondendo ela, porque os meus pais não gostavam. E eu entendo meus pais do ponto de vista da repressão policial. Eles tinham muito de que eu saísse de casa na rua e levasse "dura" da polícia, apanhasse. E isso aconteceu algumas vezes depois que eu passei a "tacar o foda-se" para isso de ligar para a questão da vestimenta. E aí a gente vai percebendo que essa preocupação dos pais é uma preocupação real. Na quebrada existe um tipo de roupa, de vestimenta, que a polícia mira, que as instituições de segurança pública miram. E isso eu acho que foi algo que foi formando minha identidade, porque eu escutava rap escondido. Meus pais não gostavam, principalmente meu pai não gostava. E aí eu fui pro Plano, fui estudar no Plano. O engraçado de estudar no Plano é que em um primeiro momento eu jurava que era um espaço de liberdade meu. Porque ali no Plano eu podia vestir as parada, eu podia falar da forma como eu queria e não dava B.O porque eu estava longe."

O relato de Leonardo Matheus, estudante de história pela UnB e ex-aluno do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, possibilita refletir sobre direito à cidade, periferia, pertencimento e identidade. O trecho foi retirado do episódio "Histórias de Geração", parte 1, do podcast Pibidiário.



A última floresta (2021)

"O meu povo não aceita mineração aqui", afirma Davi Kopenewa Yanomami, xamã e líder yanomami. "A Última Floresta" é um documentário brasileiro de 2021, dirigido por Luiz Bolognesi, com roteiro de Bolognesi e de Davi Kopenewa, que retrata o cotidiano de indígenas que vivem sob ataque na maior terra indígena do país, com uma área equivalente à de Portugal, situada entre o norte do Brasil, nos estados de Roraima e Amazonas, e o sul da Venezuela. Existem mais de 350 comunidades indígenas na Terra Indígena Yanomami, com uma população de aproximadamente 29 mil pessoas.

O documentário busca retratar a força dos xamãs, a importância da oralidade a partir da escuta dos mais velhos, além do relato de décadas de luta em defesa do território. E também atravessa o místico, a narrativa explora o mito de origem dos Yanomami que, segundo Davi, é um povo criado por Omama e Thuëyoma, um peixe em forma de mulher.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), o garimpo é responsável, a cada sete anos, pelo dejetos de rejeitos no Rio Tapajós equivalente ao desastre em Mariana, de responsabilidade da Samarco Mineração S/A ocorrido em 2015.



A última floresta (2021)

Os rejeitos contêm o mercúrio usado para fazer a separação do ouro, substância que pode causar alterações no sistema nervoso, perda de visão, problemas cardíacos e até mesmo deformações em fetos. Após mais de 25 anos sem a presença de garimpo ilegal no território, graças a pressão da imprensa brasileira e apoio internacional, mais de 20 mil garimpeiros voltaram a invadir o território Yanomami desde 2019, derrubando a floresta, envenenando os rios com mercúrio além de contribuir com a chegada da Covid-19 nas aldeias.

O garimpo, além de doenças contagiosas, provoca a desestrutuação social e cultural de famílias indígenas, além de aumentar a violência, o consumo de drogas e álcool, a prostituição e abusos sexuais. Em 2020, o garimpo no território yanomami explodiu! Quinhentos hectares de floresta Amazônica foram destruídos por atividades extrativistas ilegais. E em 2021, segundo dados do relatório produzido pela Hutukara Associação Yanomami, o garimpo avançou 45% em relação ao ano anterior.

Pedro J Márquez



roteiro

A última floresta (2021)

Embora a constituinte de 1988, estabeleça que é papel do Estado a proteção e reconhecimento da cultura, da produção e reprodução dos modos de vida das populações originárias, defender indígenas não dialoga com a agenda bolsonarista que afirma ter “muita terra para pouco índio” além de corroborar com a noção de que terras indígenas comprometem áreas disponíveis para produção agropecuária. Um dos projetos em curso que exemplifica o desmonte e o ataque aos povos tradicionais é o PL 191, enviado ao Congresso em 2020 pelo presidente Jair Bolsonaro, que busca legalizar a invasão de territórios indígenas pelo garimpo ilegal, entre outras atividades.

questões mobilizadoras

- Quais aparatos estatais podem ser acionados para combater atividades ilegais em territórios indígenas?
- Quais os efeitos a longo prazo do desmonte de instituições que deveriam garantir a proteção dos povos originários?
- Como a ocorrência de epidemias geradas pelo contato com o homem branco pode afetar a produção e reprodução de formas de vida yanomami?
- Quais violações aos direitos humanos, a constituinte de 1988 e ao ECA, o garimpo ilegal impõe ao território?
- De que forma a criação de associações de mulheres poderia contribuir com autonomia financeira da população yanomami?

na prática...

"A construção do nosso Itinerário Formativo, a partir do eixo Processos Criativos, foi difusa - digamos assim. Passamos algum tempo transitando por várias ideias sem aterrar em algo concreto até finalmente chegarmos à ideia do CineClube LadoB.

A ideia para nossa Oficina era promover Cine Debates, mobilizando conceitos trabalhados previamente e, por fim, auxiliar que as turmas elaborassem seu próprio

CineClube - escolhendo o tema, montando o roteiro para o debate, preparando material de divulgação. Infelizmente, intercorrências devido à condução do ensino na pandemia interromperam nossos planos e prejudicaram o andamento dos nosso planos.

O sentimento de interrupção foi especialmente amargo porque na semana anterior havíamos realizado o nosso primeiro Cine Debate, com o curta metragem disponível no youtube e dirigido por Bruno Torres "A Noite por Testemunha". Trata-se da encenação da noite em que Galdino Pataxó fora assassinado, na perspectiva dos criminosos: uma noite de bebedeira e inconsequência que terminou na tragédia. Tragédia essa que diz muito sobre o lugar dos invisíveis - povos indígenas e pessoas em situação de rua - na nossa sociedade.



na prática...

A sessão no google meet lotou e percebemos atenção das estudantes a partir de seus comentários, indignadas, no chat. Após a exibição, estimulamos a expressão das impressões e comentários gerais, com alguns tópicos guia em mente para conduzir a conversa aos aspectos centrais que acertamos anteriormente em equipe.

Conduzimos o debate de forma a refletirmos sobre a presença do povo indígena no DF e nos demais estados e cidades do país. Mostramos as esculturas que foram feitas pelo artista goiano Siron Franco em homenagem ao indígena pataxó assassinado e instaladas no local do crime. A Praça do Compromisso, localizada na 703/704 sul, foi o destino final da 2ª Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, no dia 10 de setembro de 2021. Lá, mulheres do povo pataxó realizaram um emocionante ritual para seu parente, de forma a demonstrar que ele vive em memória de seu povo. Um vídeo do momento do ritual frente à escultura também foi utilizado como elemento de mobilização do debate. Consideramos que o sucesso desse Cine Debate demonstra que estávamos no caminho certo, esperamos que ele continue sendo trilhado, a partir do uso desta cartilha, em várias escolas desse país por professoras e professores que considerem o Direito à Memória um espaço e ferramenta de luta para a construção de uma sociedade justa."

Referências bibliográficas

Amazônia: garimpo leva abuso sexual e medo a terra yanomami, diz relatório. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/04/mineracao-leva-abuso-sexual-e-medo-a-terra-yanomami-diz-relatorio.shtml> Acesso em 02 de abril de 2022.

A questão indígena em 4 minutos. Produzido pela Agência Pública. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_tKDCBimTQ

BOLOGNESI, Luiz; PUNTONI, Pedro. Meus heróis não viraram estátua. São Paulo: Ática, 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUENO, Samira. MARQUES, David. PACHECO, Denis. As mortes decorrentes de intervenção policial no Brasil em 2020. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>.

Garimpo leva abuso sexual e medo à terra yanomami, diz relatório. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/04/mineracao-leva-abuso-sexual-e-medo-a-terra-yanomami-diz-relatorio.shtml>. Acesso em 02 de abril de 2022.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. G. Einaudi, 1978.

O PERIGO de uma História Única. Produção de TED TALK, Chimamanda Adichie. 2009. 12 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em 17 de set. de 2021.

Podcast da rede HuMANAS - Episódio 11: Monumentos, colonialismo e releituras históricas. HuMANAS Pesquisadoras em Rede. 1h03min, son.,color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=is-KvOMpt0A&t=36s>>. Acesso em 17 de set. de 2021

Referências bibliográficas

Projeto de lei quer liberar o garimpo em terras indígenas. Produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xS6lvWvH-KA>

Projetos de lei propõem a retirada de símbolos escravistas pelo país. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/projetos-de-lei-propoem-a-retirada-de-simbolos-escravagistas-pelo-pais.shtml>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

RESENDE, M. L. S. Ceilândia em movimento. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília.

SEEDF. Currículo em Movimento do Distrito Federal: Caderno Ensino Médio. 3ª ed. Brasília: SEEDF, GDF, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª edição. Edições Graal: 1983.

Matheus Alves / Twitter

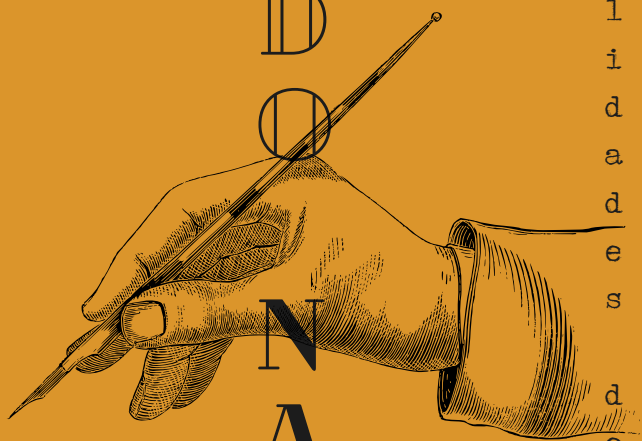




EM MEMÓRIA DE

**Galdino Jesus dos Santos (1952-1997),
liderança indígena pataxó-hã-hã-hãe.**

R
A
S
U
R
A
N
D
O
N
A
R
R
A
T
I
V
A
S



O
u
t
r
a
s
P
o
s
s
i
b
i
l
i
d
a
d
e
s
d
e
c
o
n
t
a
r
h
i
s
t
ó
r
i
a
s



FICHA TÉCNICA

Coordenação:

Cristiane de Assis Portela
Marcelo Cigales

Supervisão:

Gabriela Almeida

Criação de Conteúdo:

Alexandre Bruno Barzani Santos
Beatriz de Oliveira Andrade
Celine Maria do Nascimento
Gabriela Gomes Rabelo
Guilherme Fernandes da Luz

Edição e diagramação:

Beatriz de Oliveira Andrade
Guilherme Fernandes da Luz

O material foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência da Universidade de Brasília, edital 2020-2022, com recursos provenientes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Contato: beatrizoliver.andrade@gmail.com

Todos os direitos reservados.

Brasília - DF, 2022.

CARTA AOS/ÀS PROFESSORES(AS)

O material didático a seguir é ofertado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade de Brasília, norteadada pelo eixo da Mediação e Intervenção Sociocultural, proposto para o ensino médio na Base Nacional Comum Curricular, e elaborado pelo clube Rasurando Narrativas, composto por estudantes, futuros professores e professoras, com o intuito de ser um recurso pedagógico auxiliar e inspirador de práticas docentes críticas e criativas.

A atividade refere-se centralmente à história do Distrito Federal, melhor dizendo, às histórias do DF, no plural, com o intuito de provocar a reflexão sobre a centralidade de determinados personagens e cenários nessa história.

Visando rasurar (razão do nome da equipe) e romper com as perspectivas majoritariamente difundidas sobre essa temática, selecionamos conjuntos documentais que permitirão reconhecer outros sujeitos e contextos da história desse território, revisando criticamente a história da construção, bem como inspirando trabalhos com as histórias de cada localidade do DF, a partir do exemplo do Recanto das Emas.

O material foi dividido em duas partes, a primeira sobre a construção de Brasília e a segunda sobre a história do Recanto. A primeira parte é composta por quatro elementos: um caso inicial, que apresenta o contexto geral da construção da capital, seguido de três conjuntos de fontes que visam precisar o que entendemos como narrativa hegemônica e apresentar indícios existentes de outras narrativas do evento da construção, atribuindo destaque a outros personagens, como as mulheres, e outros cenários, como a Cidade Livre e a Vila do IAPI.

A ideia é que a leitura do caso inicial seja feita coletivamente por toda a turma que em seguida se dividirá em grupos para análise pormenorizada de cada um dos conjuntos de fontes, um arranjo por grupo.

Ao final, esperamos que seja possível o retorno para a discussão coletiva, apresentando as interpretações elaboradas e possibilitando a compreensão da pluralidade de narrativas históricas envolvidas, contradizendo a perspectiva de uma história única. Reconhecemos ainda que muitos outros usos do material sejam possíveis, estando este à disposição dos/das docentes que o utilizarem.

A segunda parte tem o intuito de servir como fonte de inspiração para o desenvolvimento de narrativas sobre as mais diferente Regiões Administrativas do DF, a partir de fontes históricas que nos dão notícias da ocupação e vivência dessa localidade antes dos marcos legais, bem como de dados que nos permitam refletir sociologicamente acerca da composição dessa população, dando ênfase também à investigação pessoal das/dos estudantes junto à comunidade local, com intuito de reconhecer a importância da memória local para a elaboração de narrativas contra hegemônicas.

O presente exercício ambiciona contribuir para a tarefa principal dos estudantes na sala de aula, o pensar cientificamente. O trabalho intelectual, que pode ser realizado com a obra em questão, tem o potencial de provocar o entendimento da história enquanto uma pluralidade de vivências e possibilidades contextuais, não restrita aos livros didáticos ou à memorização de datas e acontecimentos.

Por fim, esperamos que a investigação sobre esses outros aspectos da história do Distrito Federal provoque nos/nas estudantes a autopercepção enquanto sujeitos da história, pessoas que a vivem subjetivamente e a constroem coletivamente.

POR QUE RASURAR NARRATIVAS?

Uma capital sonhada desde os tempos do império, a ser plantada no coração do território brasileiro como símbolo da integração nacional, de onde se irradia todo o progresso para os longínquos cantos do país. Sonho posto em prática pelo corajoso presidente, anos depois, Juscelino Kubitschek que aliado de outros homens corajosos - Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão - topou a missão de desbravar e colonizar as terras vazias do planalto central e edificar aí a nova capital brasileira.

Essa é provavelmente a versão mais conhecida da história de Brasília, corrente no senso comum. Não por acaso, tal narrativa se constitui enquanto narrativa hegemônica dessa história, amplamente difundida ao longo do tempo e patrocinada principalmente durante a construção pelo governo.

No entanto, tal narrativa produziu o apagamento de outros sujeitos e cenários que compõem a história do DF, reduzindo a história deste território à construção de Brasília, vivenciada por seus personagens masculinos mais famosos.

O grupo Rasurando Narrativas surge da oposição aos apagamentos e generalizações produzidos pela narrativa histórica hegemônica sobre o DF. A fim de encorajar rasuras nessa narrativa hegemônica, propomos a análise crítica, pelos/pelas estudantes, de diversos registos temporais sobre a história do DF, evidenciando suas histórias locais, engajando os/as estudantes a apresentar suas próprias narrativas, a partir de relatos próximos e fontes locais. Ao mesmo tempo, busca-se validar as múltiplas memórias e sujeitos envolvidos nesse período, frequentemente silenciados “por um panteão de heróis estritamente masculinos de classes econômicas superiores” (PORTELA, 2020, p. 17).

O processo de rememoração, segundo Walter Benjamin (1994 [1940]), é o único modo de alcançarmos uma narrativa justa ao que foi vivenciado pelas classes sociais subordinadas e de verificar o que não se encontra nos registros dominantes, por ter sido confiscado pela história oficial. O meio de se realizar tal prática é a de uma escuta sensível e aberta às diversas fontes documentais, tal como os relatos orais, não querendo torná-las monumentos ou desfiles cívicos, mas sim validações de uma parte da História tida como inenarrável e impraticável.

Com esse objetivo é que encorajamos a realização de entrevistas pelas/pelos estudantes em suas localidades, como uma forma de se aproximar, através da história oral, das muitas histórias que compõem cada localidade.

O material didático a seguir possui justamente o objetivo de praticar o exercício de rememoração do passado desse período, apresentando cenários, contextos sociais e sujeitos distantes da narrativa da construção de Brasília como realização nacional de um panteão de heróis, almeja-se rasurar e obliquar essa visão, para assim evidenciar as Histórias de Outras Brasília, próximas e cotidianas, concebidas naquele tempo e ainda presentes contemporaneamente.

A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL



O CASO INICIAL

APRESENTAÇÃO DO CASO

A República do Brasil já mudou de lugar algumas vezes ao longo do tempo. Primeiramente, a capital foi sediada em Salvador, Bahia, de 1549 até 1763, quando então foi removida para a cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1960.

Desde os tempos do império do Brasil se estudava a transferência da capital do Rio de Janeiro para o interior do País. No entanto, a capital só foi removida em 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek (JK), para a região Centro-Oeste, onde foi construída uma nova cidade: Brasília.

Essa é uma história já muito conhecida, assim como seus personagens: Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão, entre outros.

Porém, muitas outras histórias se podem contar sobre a construção de Brasília, muitos personagens fizeram parte dessa história e será missão de vocês investigar mais a fundo para encontrá-los!

Para começar, indicamos um pequeno vídeo para conhecer mais sobre o início da construção: <https://youtu.be/xnXQQeU5nlk>

ATIVIDADE I

Após assistir ao vídeo responda as seguintes questões em seu caderno

- 1- Quais personagens aparecem nessa história?
- 2- Quais cenários são apresentados?
- 3 - Como a nova cidade é apresentada?

EQUIPE 1

A HISTÓRIA OFICIAL

PISTA 1:

**TRECHOS DO DISCURSO DE JK NA
INAUGURAÇÃO DA CIDADE**

NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, 20 DE ABRIL DE 1960...

"Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da epopéia da construção de Brasília, recebo, profundamente emocionado, a chave simbólica da cidade filha do nosso esforço, da nossa crença, de nosso amor a este País. Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros. Falei em epopéia, e retomo a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida, uma época, isto é, "o lugar do céu em que um astro atinge o seu apogeu". Chegamos hoje, realmente, ao ponto alto da nossa obra. Criando-a, oferecemos ao mundo uma prova do muito que somos capazes de realizar e a nós próprios nos damos uma extraordinária demonstração de energia, e mais conscientes nos tornamos das nossas possibilidades de ação.

onde se dirigiam as nossas esperanças. As peripécias da viagem e este mar de trabalho, esta extensão de tarefas que parecia infinita, verificamos hoje como foi rápido vencê-los todos. Quatro anos somente são transcorridos desde o dia em que dormi aqui numa tenda, em plena solidão do Brasil, no sertão sem fim, vendo rondar o meu acampamento a ameaçadora presença de animais selvagens. Nestes quatro anos, com que febre vos atirastes ao trabalho! À vossa frente se punha esse capitão da Epopéia, esse incansável Israel Pinheiro, que abandonou o conforto, a posição política, para dedicar-se, de corpo e alma, ao que parecia uma aventura, ao que ontem constituía um risco, e hoje é um triunfo.

Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao planalto; vi como pegastes no trabalho; como vos animastes, homens à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para o nosso país. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Falais pouco, mas o suficiente, pois o sofrimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação.

Trabalhou-se aqui em três turnos, durante todas as horas do ciclo da terra em redor do sol. O nosso sol era a Cidade que íamos todos construindo, levantando, erguendo. Um sol já existe em nosso desejo e em nossa esperança; estava, porém, invisível quando aqui cheguei com uns poucos colaboradores, no dia dois de outubro de 1956, à grande planície vazia, onde só encontramos, como sinal de presença de homem civilizado, um cruzeiro que a Comissão Demarcadora de Fronteiras mandara erguer em sinal de sua passagem. Brasília começou nesse momento a delinear-se em nossos espíritos.

Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a Fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer. Viestes, alguns de Minas Gerais, outros de Estados limítrofes, a maioria do Nordeste. Caminhastes de qualquer maneira até aqui, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; porque vos contaram que uma estrela nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da bandeira da Pátria. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois expressão da força propulsora do Brasil. Tinheis fome e sede de trabalho num país em que tudo estava e está ainda por fazer. Os que duvidaram desta vitória; os que nos procuraram impedir a ação; os que «e desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nós sustentavam eram mais fortes do que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam.

Ninguém vos subtrairá a glória de ter lutado nesta batalha tremenda. Não vos esqueceria jamais, trabalhadores brasileiros de todas as categorias, a quem me sinto indissolüvelmente ligado. Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do amor de nossas lidas, eis a cidade, que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta. Ei-la plantada no coração do Brasil, o seu lugar exato. Eis as estradas abertas permitindo que os brasileiros de todos os Estados da Federação, venham à sua Capital. Começamos a transportar a civilização para o interior. Brasília começou a crescer. O Brasil começou a crescer também, mais rapidamente, para recuperar o tempo perdido.

PISTA 2:

HINO DO DISTRITO FEDERAL:

[HTTPS://YOUTU.BE/BMPOXZ6EPIO](https://youtu.be/BMPOXZ6EPIO)

ATIVIDADE II

Após lerem o discurso de JK e escutarem o hino do DF, discutam entre si e respondam as seguintes questões:

1 - Nessa versão da história, como a capital é apresentada? listem as palavras usadas para descrever a nova cidade.

2 - Quais personagens aparecem?

3 - Que eventos são narrados? como?

EQUIPE 2

MULHERES NA CONSTRUÇÃO

PISTA 1:

UM MANIFESTO

MANIFESTO DAS PIONEIRAS

MULHERES PIONEIRAS

MARIA CLARA BAUMANN

Muito se tem escrito sobre Brasília, sobre os pioneiros, suas lutas e sacrifícios, mas, ao que me conste, até agora não foi localizada a situação da mulher (que, acompanhando o marido, está lançando as primeiras sementes da vida familiar na futura capital).

São em sua maioria senhoras vindas quase sempre do Rio, que trocaram o conforto do apartamento pela vida de acampamento. Poderiam ser divididas em duas categorias: as que, pensando exclusivamente na melhoria financeira que o marido está tendo se fantasiam de mártires e que seiam pela volta ao asfalto e aqueles que se empolgam pela obra e aqui querem ficar.

A vida em acampamento é uma das melhores escolas de como viver em comunidade; para viver bem é preciso que a mulher interfira o menos possível na atividade do marido e, por outro lado, evite criar problemas exigindo o que nos seus lugares de origem estariam longe de ter ("chapa-branca" à disposição, operários para servi-la, etc.).

É de justiça reconhecer que todas as instituições procuram dar o máximo de assistência às famílias dos respectivos funcionários alojando-as em confortáveis e bonitas casinhas de madeira, permitindo-lhes o uso de viaturas para compras na cidade e fornecendo-lhes condução regular para o transporte das crianças ao colégio. Nas cantinas, onde o convívio é alegre e esportivo, há projeções cinematográficas até 3 vezes por semana, tendo ainda quase todos os Institutos a sua quadra de volei, basquete e o indispensável time de futebol.

As senhoras que vêm em Brasília apenas uma comissão e mais nada satisfaz. Faltam-lhes a vitrine, o foguinho, a boite. Estas não se fixarão aqui.

As senhoras que vêm em Brasília apenas uma comissão e mais nada satisfaz. Faltam-lhes a vitrine, o foguinho, a boite. Estas não se fixarão aqui.

As que ficam são as que se empolgaram ao saltar do avião. Para estas o horizonte de 150.º com os mais lindos crepúsculos de que se tem notícia substitui os programas de TV; os filhos corados, vivendo ao ar livre, não sofrerão a falta da praia.

Elas têm desenvolvido o espírito de tolerância indispensável a quem se arvora em pioneiro. Porque lamuriar-se quando a poeira vermelha invade a casa da qual já se tirou o pó pela 10.ª vez? Ela sente que a rapidez ciclópica com que tudo acontece aqui nos permitirá em dias bem próximos ter todas as ruas asfaltadas e a poeira não será mais do que uma "vantagem" a contar quando relatarmos os primeiros dias de Brasília. Por que aborrecer-se com o borborinho poirento e deficiências da Cidade Livre se em breve teremos a cidade mais organizada do mundo? Por que ver no "candangão" um indivíduo sujo e ignorante se na realidade ele é a viga mestra de tudo que se faz aqui e quase sempre é um indivíduo puro de sentimentos, cheio de brasilidade, empenhado de corpo e alma na obra que é redenção político-econômica do sertão brasileiro.

Mulheres que assim pensam — e felizmente são maioria — encham as horas alfabetizando adultos, ajudando as pioneiras ou — individual e anonimamente — descobrindo as necessidades dos "candangos" mais próximos e procurando supri-las.

Essas mulheres querem construir Brasília. Querem construir uma sociedade limpa, onde não haja "curras", onde os filhos dos seus filhos compreendam amanhã, que no seu anonimato as mães que aqui estão agora, contribuíram com sua parcela de entusiasmo para um Brasil melhor que cumpra a sua finalidade de centro da sua finalidade de centro da civilização futura.

PISTA 2:

3 FOTOGRAFIAS



Escritório do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da NOVACAP.
Arquivo Público do DF



Canteiro de obra
Arquivo Público do DF



Mulheres e Crianças na Vila do IAPI.
Arquivo Público do DF

ATIVIDADE II

Após analisarem as imagens e o manifesto das pioneiras de Brasília respondam as seguintes questões:

- 1 - vocês já tinham ouvido falar de mulheres no período da construção de Brasília?
- 2 - Segundo as pistas, como essas mulheres participaram da história da construção? levantem hipóteses.
- 3 - Porque elas não aparecem na história mais conhecida sobre a capital?

EQUIPE 3

PRA LÁ DO CANTEIRO DE
OBRA

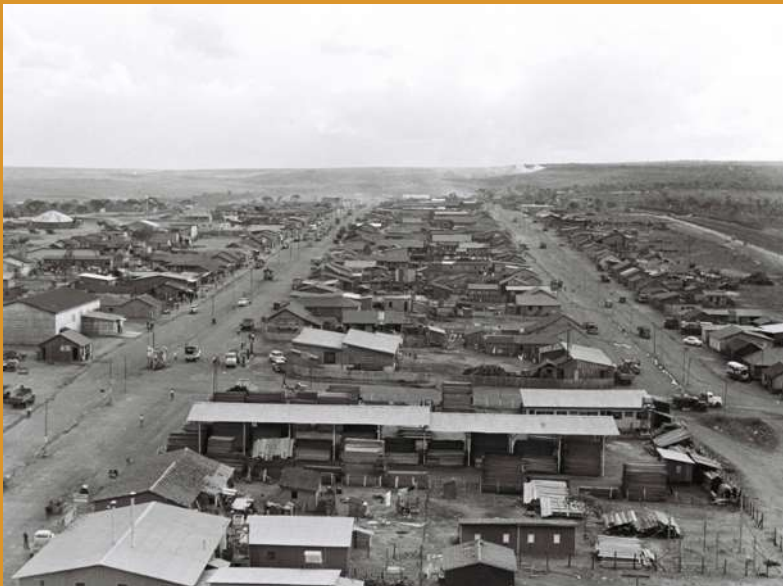
PISTA 1:

3 FOTOGRAFIAS

COMÉRCIO DA CIDADE LIVRE



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



VISTA AÉREA DA CIDADE LIVRE

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



HOSPITAL DO IAPI

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

PISTA 2:

RECORTES DE JORNAL

VILA DO IAPI: MUNDO DE MISÉRIAS ESQUECIDO PELOS PODÊRES PÚBLICOS

1

Vista da rodovia a Vila do IAPI parece irmã gêmea da Cidade Livre. As mesmas casas de madeira, toscas e coloridas, enfileiradas em ruas que nasceram umas retas outras tortas, e tortas e retas foram se cruzando, se emaranhando no mais caprichoso plano urbanístico traçado pela pobreza. Ali vivem trabalhadores e suas famílias, num total estimado em 3.000 almas penadas na angústia sem fim de tôdas as necessidades e de um destino ignorado.

2

Da aflição do desemprego o pior já passou: a maioria dos chefes de família e dos adultos voltou ao trabalho proporcionado pela execução dos planos traçados pelos representantes do governo, do Prefeito, e dos próprios trabalhadores, através do Sindicato. Mas, na Vila do IAPI, continua a faltar de tudo, SO' NÃO FALTA POLICIA E BRUTALIDADE

3

DAI VEIO A ASSOCIAÇÃO
Então, vendo que era preciso fazer alguma coisa, trabalhadores e comerciantes da Vila se reuniram, fizeram uma assembléia junto com o resto do povo e criaram uma Associação de Defesa dos Moradores da Vila do IAPI. Elegeram diretoria e fizeram um memorial para contar ao Prefeito Paulo de Tarso o que estava acontecendo, as necessidades que sofriam e o que precisavam: luz, água, ainda que em encanamentos de emergência, escola para os filhos, assistência para os doentes, médico para as criancinhas, saber para onde iriam quando tivesse que desaparecer aquêlê acampamento

Correio Braziliense, 21/04/1960, p.64

Núcleo bandeirante nasceu com Brasília: mas vai morrer

Inúmeros municípios do País, muitos centenários, não atingiram ainda o desenvolvimento que o Núcleo Bandeirante de Brasília, também chamado de **Cidade Livre**, alcançou em menos de um ano. Autêntica cidade, nascida da noite para o dia, com população e atividades bem maiores de que algumas capitais nordestinas, o Núcleo Bandeirante apesar de seu intenso e constante movimento é uma cidade que desaparece, rá dentro de pouco tempo.

Edificada à feição das cidades pioneiras do oeste americano, das quais apresenta muitas características e ambientação, o Núcleo Bandeirante é fruto, a um tempo,

da necessidade e da previsão. Afastada do Plano-Piloto de Brasília, pela necessidade de evitar que no sítio destinado à construção da Capital definitiva se construíssem aglomerações de moradias que não só perturbariam o desenvolvimento dos trabalhos, como criariam, mais tarde, graves problemas para a sua remoção, a Cidade Livre foi edificada a título precário.

E foi instalada porque se tornava imprescindível a existência de um centro de comércio que, em proporções justas, estivesse apto a atender às necessidades dos milhares de trabalhadores utilizados nas obras.

Nos primeiros dias dos serviços de Brasília foram recebidos de braços abertos os pioneiros que se aventuravam a montar uma tenda em paragens então ainda desprovidas de todas as condições de conforto, sem água, sem luz nem estradas adequadas.

Em breve, porém, a afluência se tornou tão grande que foi necessário adotar normas visando a impedir que a finalidade de criação do Núcleo fosse perturbada pela invasão de elementos marginais, desejosos de implantar ali o vício e a desordem.

As edificações do Núcleo são todas de maneira, para fins comerciais, com reduzidos cômodos para famílias. As licenças para construção das ca-

ATIVIDADE II

Após analisarem as imagens e os recortes de jornal respondam as seguintes questões:

1 - Vocês já conheciam a Cidade Livre ou a Vila do IAPI?

2 - Como esses outros cenários se relacionam com a construção da capital?

3 - Porque essas outras localidades geralmente não aparecem na história da construção? Levantem hipóteses.

O Núcleo Bandeirante chegou a ter uma população de quarenta mil pessoas com 20 hotéis, 10 agências bancárias (sendo a maior em todo o Estado de Goiás o seu movimento bancário), seis agências de companhias de aviação, numerosos restaurantes, açougues, padarias, escolas, consultórios médicos e dentários, barbearias, lojas de armários, farmácias, churrasarias, serrarias, alfaiarias, casas de autopeças, oficinas mecânicas, dois cinemas, bombas de gasolina, um grande mercado moderno, ateliers fotográficos. O Núcleo chegou a ter em pleno funcionamento mais de quinhentas casas comerciais.

O Núcleo Bandeirante foi uma etapa provisória na construção de Brasília. Com o seu desaparecimento, os que nele habitavam serão deslocados para as cidades-satélites de Taguatinga, Sobradinho e Sala Velha, passando a morar em casas modernas.

DF E AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS

Após repensar a história da construção, conhecendo outros personagens e cenários, nós convidamos vocês a repensar as histórias das diferentes localidades do DF. Como exemplo, elaboramos uma apresentação sobre o desenvolvimento das RAs ao longo do tempo, para que sirva de inspiração para a investigação das histórias de cada uma das Região Administrativa do DF.

Algumas dicas para pesquisar a história da sua localidade:

1) Entrevistas: converse com suas mais velhas e seus mais velhos, entreviste aquelas e aqueles que mora a mais tempo na sua localidade, investigando as histórias que elas e eles têm a contar sobre a formação dessa cidade.

2) Sites uteis:

- Hemeroteca Digital, onde você poderá encontrar jornais antigos e pesquisar informações sobre sua localidade. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- Companhia de Planejamento do DF (CODEPLAN), onde estão disponíveis dados sobre a população de todas as RAs. Link de acesso: <https://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018/>
- Sistema de Normas Jurídicas do DF, onde é possível consultar o nome da sua RA nas publicações oficiais do DF, como o Diário Oficial e decretos governamentais. Link de acesso: <http://www.sinj.df.gov.br/sinj/>
- Arquivo Público do DF (ArPDF), no site do arquivo é possível conhecer um pouco do acervo que conta muitas histórias sobre o DF, sendo possível agendar visitas e consulta ao arquivo por email. Link de acesso: <https://www.arpdf.df.gov.br/>

A seguir apresentamos algumas pistas uteis para repensar a história do DF a partir da história do Recanto das Emas.

APRESENTAÇÃO DO CASO

O Distrito Federal é composto por 33 regiões administrativas diferentes, cada uma com suas próprias características e especificidades. Algumas são mais velhas como o Gama, Taguatinga e Ceilândia. Enquanto outras são bem mais novinhas como a Estrutural, Vicente Pires e o Itapoã. Independente de suas idades cada R.A. é importantíssima para a constituição do Distrito Federal, com uma história própria e uma população única. Por isso precisamos estudar e entender cada uma, e que tal começarmos pela Região onde moramos?

O Governo do Distrito Federal realiza regularmente, através da Codeplan, uma pesquisa distrital por amostra de domicílios, ou PDAD para encurtar, e investigar aspectos demográficos, migração, condições sociais e econômicas, situações de trabalho e renda, entre outras informações, de modo a oferecer um diagnóstico detalhado da situação atual da nossa cidade. E ao investigarmos esses dados temos uma visão mais apurada da realidade de nossas cidades, das localidades onde vivemos e das quais fazemos parte.

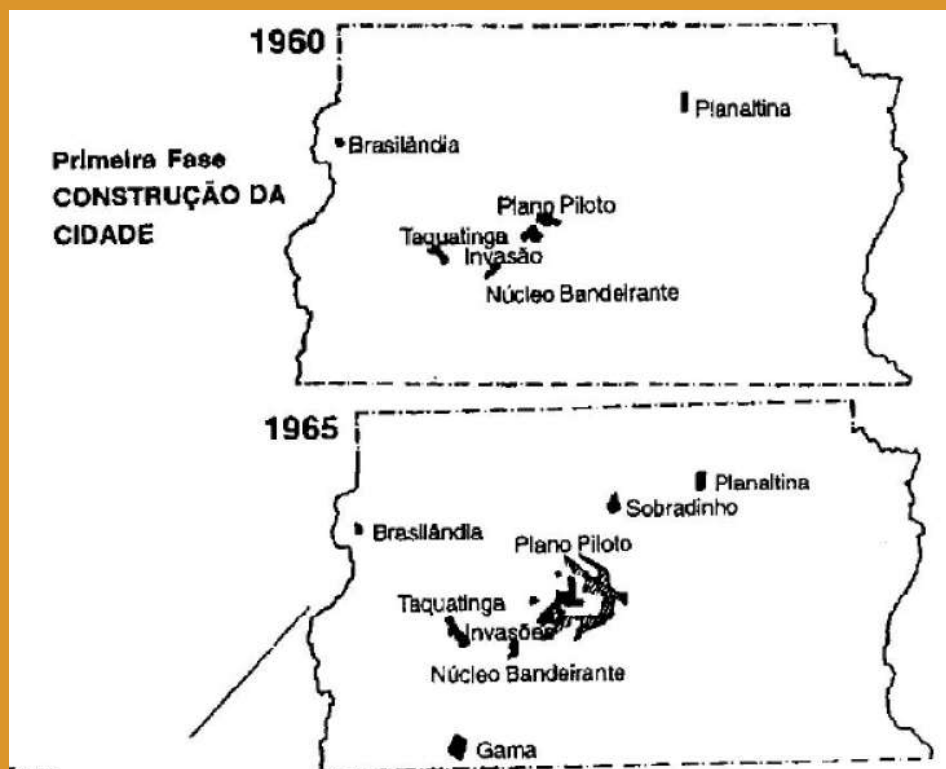
É possível encontrar os dados da sua cidade no site:

<https://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018/>

Atividade:

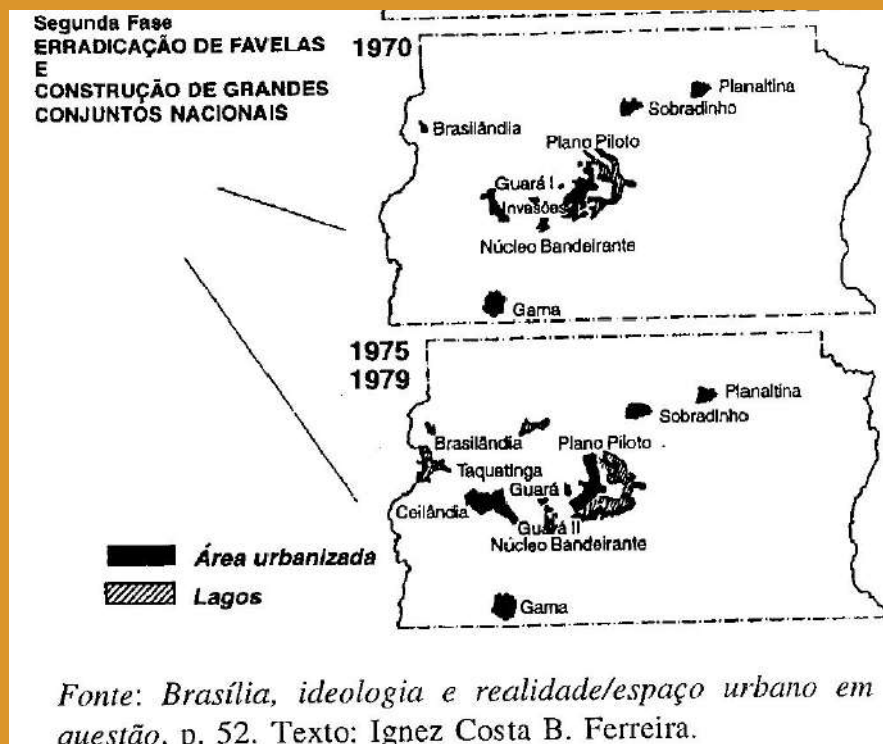
- Após achar a pesquisa de sua região, procure qual é a renda média de sua localidade. E a situação de trabalho?
- Em sua localidade, de que maneira as pessoas se autodeclararam em termos de raça? e de gênero?
- Em que ano surgiu a sua R.A.?

ABAIXO ALGUNS MAPAS QUE DEMONSTRAM A FORMA QUE AS R.A.S CRESCERAM NO DF.



Ainda em 1960, as primeiras R.As. algumas até mais velhas que Brasília, como por exemplo Brazlândia e Planaltina

Nos anos 1970 com a erradicação de ocupações surge a construção de cidades mais afastadas, para abrigar os e as trabalhadoras da construção, como a Ceilândia. Este foi um processo que invalidava as lutas que aquelas populações tiveram para conquistar suas moradias, muitas das quais tinham abandonado suas vidas prévias e vindo atrás de oportunidades na cidade nova.



Fonte: Brasília, ideologia e realidade/espço urbano em questão, p. 52. Texto: Ignez Costa B. Ferreira.



Fonte: Vasconcelos, Ana et. al. (2006). Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o aglomerado urbano de Brasília.

Nos anos 2000, surgem mais RAs, muitas dessas criadas na Gestão Roriz, como Samambaia, Santa Maria e Recanto das Emas, através da política de distribuição de lotes. Uma medida populista, que atraiu a simpatia do povo para com o governador, apesar de já se ter provas de hoje em dia como essas políticas beneficiavam Roriz ilicitamente.



Fonte: Debora Menezes, 2019

MAPA DO DF ATUALMENTE

E A SUA CIDADE?

A história do DF vai muito além da construção da capital e do Plano Piloto. Cada Região Administrativa é muito única e tem suas próprias narrativas históricas e atuais. Compreender essas narrativas é fundamental para entendermos aonde nos situamos como sujeitos históricos e moldantes de nossas localidades.

Atividade

- Agora procure algum membro da família, ou algum conhecido, vizinho que já more na sua região a algum tempo e peça para realizar uma entrevista. Faça algumas perguntas:
- O nome, a profissão e a quanto tempo mora lá.
- Como era a cidade quando chegou?
- Quais os principais motivos de se mudar para lá?
- Conhece alguma história marcante? Algum personagem icônico da cidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política - Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em 05/11/2021

DISTRITO FEDERAL, Currículo em Movimento da Educação Básica, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), 2020. Disponível em: http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Curriculo-em-Movimento-do-Novo-Ensino-Medio_fev21.pdf. Acesso em 05/11/2021

PORTELA, Cristiane de Assis. "Fontes documentais de acervos escolares e o ensino de história do Distrito Federal: relato sobre o Centro de Memória (s) do Elefante Branco." (2020).



PIBID UNB
História e Sociologia
2020-2022

Oficinas

Além dos Muros

**UM GUIA PARA A ANÁLISE
DE OBRAS DO PAS UNB**



Ficha Técnica

Título:

Ofinas Além dos Muros: Um guia para a análise de obras do PAS UnB

Coordenação:

Cristiane de Assis Portela

Marcelo Cigales

Supervisão:

Bibiana Rosa

Marcelo Cigales

Criação de conteúdo:

Guilherme Henrique Cruz Quevedo

Isabella Cristina Barbosa Ramos

Lauanny Kassya de Gois Aguiar

Luiza Leticia Mendes de Alcantara

Ricardo Daniel Lucas Monteiro de Sousa

Edição e diagramação:

Guilherme Henrique Cruz Quevedo

Isabella Cristina Barbosa Ramos

Lauanny Kassya de Gois Aguiar

Luiza Leticia Mendes de Alcantara

Ricardo Daniel Lucas Monteiro de Sousa

Brasília/DF, 2022



Carta aos/às professores(as),

O clube “PAS no PIBID” tem o prazer de convidá-los a usar este material construído por graduandos e graduandas em Sociologia e História da Universidade de Brasília. As oficinas foram idealizadas com a intenção de contribuir e auxiliar estudantes do 1º ano do Ensino Médio a realizarem a prova de ingresso na Universidade de Brasília através do Programa de Avaliação Seriada (PAS). Nas oficinas, propõe-se explorar algumas obras recorrentemente cobradas na primeira etapa do PAS relacionando-as com temáticas de interesse dos próprios estudantes. Com esse material, pretende-se estimular o ingresso de estudantes na Universidade Pública através de análises de temas caros ao ensino de História e Sociologia.

As provas do PAS são interdisciplinares, e é nas obras da Matriz de Referência que essa interdisciplinaridade se concentra. Por isso que elas são centralizadas neste material, tal como o PAS, para discorrer sobre temas atuais. Embora tais obras sejam atualizadas paulatinamente, o material facilita a criação de vias que trabalhem a sensibilidade de leitura socio-histórica de estudantes independente das obras selecionadas para o triênio.



A proposta se constrói através de chaves metodológicas para análises interdisciplinares que habilite os estudantes "a compreender, raciocinar, analisar, criticar e propor questões relevantes para a própria formação como cidadão e de elaborar propostas de intervenção na realidade, com ética e cidadania." O estudo interdisciplinar permite que as disciplinas se encontrem e criem com a reciprocidade entre campos um novo aparato de interpretação. Por isso, história e sociologia não se chocam, mas se integram, tal qual outras disciplinas também são bem vindas para posicionar o prisma conceitual metodológico. Essa habilidade não é fácil, mas é adquirida com a prática e com a abertura para trocas de perspectivas, por isso este material fomenta um trabalho pedagógico entre os professores, respeitando igualmente suas autonomias e competências disciplinares.

Aqui também há alguns conceitos e métodos chaves utilizados nas obras que abarcam os triênios mais recentes, mas é um convite também ao exercício da criatividade para explorar futuras demandas do PAS ou até utilizá-las como material pedagógico cabível ao seu plano de curso.

Para além da Matriz do PAS, o trabalho interdisciplinar aparece como novo formato de ensino aprendizagem requerido pela Base Nacional Comum Curricular.



As habilidades e competências demandadas pela BNCC extrapolam uma aprendizagem concentrada em apenas uma área, permitindo às diversas disciplinas escolares se debruçarem sobre objetivos em comum.

A entrada na universidade é uma etapa de um caminho mais longo, construído muito antes dos exames em si. O amplo acesso às universidades públicas pode parecer uma conquista distante, ainda mais quando se trata de uma conquista que, à priori, aparenta ser tão individual do estudante. Nosso intuito, para além das análises de obras, busca sensibilizar a comunidade escolar, a qual envolve além do aluno, também os professores e a coordenação pedagógica, para quebrar as primeiras barreiras de uma conquista que é coletiva. A universidade pública não deve ter muros imaginários que afastem o estudante de traçar sua rota na educação superior. Queremos ir juntos além desses muros, fomentando a continuação dos estudos que ampliem suas oportunidades e, por consequência, da sua comunidade.

Por isso esta proposta também foi pensada a partir do eixo curricular “empreendedorismo” do Currículo em Movimento (DF) com a intenção de retirar a meritocracia associada ao termo e repensá-la como um empreendimento social do estudante na sua própria trajetória. E que seu efeito seja coletivo.

E aí, vamos juntos?

algumas orientações aos e às estudantes

Sobre o PAS

O PAS (Programa de Avaliação Seriado) é um processo seletivo realizado durante os 3 anos do ensino médio regular como forma de ingresso a Universidade de Brasília (UnB) onde a Universidade destina metade das vagas aos aprovados no Programa. Sendo redigido por edital, possui peculiaridades em cada etapa e executado pelo Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Programa e de Promoção de Eventos (Cebraspe). Ele se organiza em triênios onde os Subprogramas começam em um ano e se constrói com os próximos dois anos consecutivos (Ex: 2022-2024).

O PAS 1 é feito no primeiro ano do EM e ele não é obrigatório, ou seja, se por acaso você não conseguir fazer, não te impede de realizar os próximos, mas fiquem atentos porque esse é uma prova muito importante para desempate e conta muito na nota. Ele tem peso 1, então, a nota é multiplicada por 1 na média final.

O PAS 2 é feito no segundo ano do EM, esse é obrigatório, então fiquem alertas, se você perder esse, conseqüentemente perde o terceiro e não pode mais concorrer à vaga na UnB pelo PAS. Ele tem peso 2, então pode ficar de boa, porque mesmo que a nota tenha sido baixa, ela é multiplicada por 2. Essa etapa costuma ser a mais difícil, ou seja, é normal que sua nota diminua.

algumas orientações aos e às estudantes

Sobre o PAS

O PAS 3 é feito no terceiro ano do EM, e ele também é obrigatório. Ele tem peso 3, ou seja, você pode se dedicar bastante, pois é a nota que multiplica mais. Então a nota pode ir lá em cima. É importante destacar que nesse, não pode zerar a prova de idiomas porque isso te desclassifica.

Cada etapa dessa prova é composta por uma prova objetiva dividida em duas partes: 1. língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol, escolhida na hora da inscrição) e 2. conhecimentos interdisciplinares, totalizando 100 pontos. Além disso, cada etapa possui uma redação de 10 pontos.



algumas orientações aos e às estudantes

Sobre o PAS

Inscrições

As inscrições são feitas exclusivamente na internet por meio do site da *CEBRASPE* onde o estudante terá que preencher seus dados e escolher entre as opções de língua estrangeira (espanhol, inglês ou francês), a cidade onde pretende realizar a prova e completar os documentos. Após cadastro o aluno terá que realizar o pagamento da Taxa de Inscrição por meio de boleto bancário ou realizar o pedido de isenção da taxa dentro do período estipulado.

Ações afirmativas

O PAS possui políticas públicas voltadas a grupos em situações de vulnerabilidade social e de raça, onde (na terceira etapa) o aluno poderá escolher concorrer no Sistema Universal, Sistema de Cotas para Escola Pública ou Sistema de Cotas para Negros (preto ou pardo). Essa ação visa promover a inclusão desses estudantes no ambiente acadêmico. São elas: cotas raciais, socioeconômicas e para estudantes de escolas públicas.

Documento Obrigatório

No dia da prova o estudante precisará levar algum documento que possa identificá-lo (RG, Passaporte, Carteira nacional de habilitação, Boletim de ocorrência no prazo de validade (90 dias), entre outros listados no edital. Levar também uma caneta de tubo transparente de tinta preta ou azul!

Oficina 1

Direitos Humanos

Objetivo

Conhecer a dimensão geral dos Direitos Humanos e como eles se manifestam no Brasil, com foco nas populações tradicionais brasileiras que se apropriam desses direitos para serem reconhecidos nas instâncias legais.

Como abordar

1. Exercício de estranhamento com "Os Nacirema"

A leitura coletiva do texto adaptado de Os Ritos Corporais de Os Nacirema, de Horace Miner, incentiva os estudantes a **estranharem** a própria cultura. O exercício reflexivo permite introduzir a sensibilidade de reconhecimento para outros modos de vida. Esse reconhecimento é fundacional para o segundo conceito mobilizado: **princípio da dignidade humana**, que é basilar para os Direitos Humanos, que preza pela garantia das necessidades básicas de cada pessoa.

2. O que são os Direitos Humanos e os Direitos Fundamentais

Diferenciar os planos que os Direitos Humanos estão, por serem declarados, da sua positivação em lei na forma de Direitos Fundamentais, que são assegurados. Aqui, abre-se espaço para introduzir o **art. 5º da Constituição Federal**, um pilar abordado em todas as etapas do PAS.

3. Apresentar as obras

Para esse eixo, mobilizamos duas obras audiovisuais relacionadas ao tema, sugerimos passar em sala a segunda, intitulada "O perigo de uma história única" pois é curta e costuma chamar a atenção de estudantes. Além disso, introduz o eixo da próxima oficina.

O Povo Brasileiro: Matriz Tupi

Isa G. Ferraz

obra

Objetos de conhecimento

nº 2: indivíduo, cultura e identidade
nº 4: estruturas
nº 5: energia equilíbrio e movimento
nº 6: ambiente
nº 7: a formação do mundo ocidental
nº 10: materiais

Sinopse

O Povo Brasileiro é um documentário baseado na obra de mesmo nome de Darcy Ribeiro. Está dividido em dez episódios, e cada um deles retrata um dos aspectos da formação do povo brasileiro, desde as suas matrizes (indígena, europeia e africana) e as diferentes misturas e culturas que se formaram a partir delas. Este primeiro episódio está focado na cultura indígena anterior à chegada dos portugueses, em especial do povo Tupi, em sua cosmovisão, seus hábitos alimentares, costumes, artes e o caráter de guerra desse povo.

O que o PAS quer?

- Refletir sobre a influência indígena na formação do povo brasileiro;
- Estudar a obra de Darcy Ribeiro e reconhecer sua contribuição na história do pensamento brasileiro;
- Questões relativas a ser branco, ser negro ou ser indígena no Brasil;
- Permanências e rupturas, mudanças e desigualdades nas formações históricas, culturais e sociais;
- A organização dos diversos povos indígenas no período pré-ocidentalização (anterior à invasão portuguesa e ao processo de ocidentalização do território);
- Diferenças entre as culturas materiais dos povos africanos, europeus e indígenas.

O risco da história única

Chimamanda Andiche

obra

Objetos de conhecimento

nº 2: indivíduo, cultura e identidade
nº 4: estruturas
nº 5: energia equilíbrio e movimento
nº 6: ambiente
nº 7: a formação do mundo ocidental

"Então, após ter passado vários anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria, e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide."

O que o PAS quer?

- Entender como a literatura e a história se convergem;
- Questionar os valores eurocêntricos introduzidos na nossa sociedade e como estes perpetuam preconceitos;
- Destacar que o perigo de uma história única é sobre uma lógica de produção de narrativas. Essa lógica, sem sombras de dúvidas, pode ser aplicada no Brasil. Como brasileiros, reproduzimos sobre comunidades indígenas, quilombolas e negras, por exemplo, uma história única. Marcando esses grupos com estereótipos e exclusão.



Oficina 2

Raça e Racismo

Objetivo

Compreender como foi a construção do racismo no Brasil por meio de contextualizações históricas e como a escravidão contribuiu para este feito. A partir daí, entender a estruturação da violência racial e as consequências sociais que possui até os dias de hoje, como o genocídio da população negra.

Como abordar

Para o nosso objetivo é de suma importância ressaltar que a sociedade tem uma estrutura anterior e exterior a nós. Nós incorporamos valores e normas por meio da nossa socialização e internalizamos os valores dominantes da sociedade. Esses valores são resultado de uma **construção social**. Com isso, é importante destrinchar o contexto dessa estrutura através dessas obras, mostrando o processo de abolição da escravatura no Brasil, que ocorreu de forma gradual com a Lei Eusébio de Queirós de 1850, seguida pela Lei do Ventre Livre de 1871, a Lei dos Sexagenários de 1885 e finalizada pela Lei Áurea em 1888. Essencial destacar que essas leis não forneceram nenhum meio dessas pessoas serem incluídas na sociedade. Trata-se de pessoas que tiveram sua humanidade negada mediante uma hierarquização das raças que afirmava a superioridade branca; e que conferia a ela o poder de explorar a população negra. Após a construção coletiva de conhecimento é importante refletir sobre o porquê de pessoas negras nos dias atuais não ocuparem lugares de poder e sofrerem tentativas históricas de terem as suas culturas apagadas

A rota do escravo: a alma da resistência

Unesco

obra

Objetos de conhecimento

nº 1: o ser humano como um ser no mundo
nº 2: indivíduo, cultura e identidade
nº 4: estruturas
nº 5: energia equilíbrio e movimento
nº 6: ambiente
nº 7: a formação do mundo ocidental
nº 9: espaços
nº 10: materiais

Sinopse

O documentário foi produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e publicado em 2013 no YouTube. O documentário analisa profundamente o processo de escravização do continente africano e o tráfico transatlântico. É apontado vários elementos e consequências desse processo. Com isso, o documentário aponta que para transformar um indivíduo livre em escravo, é necessário retirar sua identidade e humanidade, tornando aquela pessoa mercadoria, ou seja, algo a ser comercializado, possui um valor.

O que o PAS quer?

- Encontrar elementos para a compreensão da relação do ser humano com o meio ambiente, contextualizada em abordagens éticas e existenciais que exigem avaliação e permitem confrontar possíveis soluções para situações e problemas humanos contemporâneos;
- Apresentar algumas faces da distribuição desigual na sociedade humana;
- Compreender o modo como se articulam dominação, hegemonia cultural, religiosa, econômica, militar e política nos mais diferentes grupos humanos, nos tempos e nos espaços;

- Discutir a incorporação das Américas sob a lógica do colonialismo ibérico e a exploração escravista praticada na parte atlântica da África;
- Pensar o Brasil, sua formação socio-histórica e espacial e todas as desigualdades vinculadas a esses processos.

Indo além

Outros temas, conceitos e acontecimentos históricos possíveis de serem relacionados:

Arrancado de sua terra natal

- O grande comércio e suas redes;
- Duração da viagem nos navios para as Américas;
- Revoltas;
- Trabalho braçal e manual;
- Punição e sobrecarga;
- Técnicas importantes trazidas por Africanos;
- Revolta Haitiana (1791-1804);
- Abolicionismo;
- Brasil como último país das Américas a abolir a escravidão (1888).

Aterrorizando as pessoas

- Mercadoria;
- Código de Escravos de 1661;
- Punições aos que fugiam.

Transcendendo a opressão

- Racismo;
- Desumanização;
- Os aspectos culturais da África que vieram para as Américas e fazem parte da nossa identidade cultural latino-americana e Brasileiro.



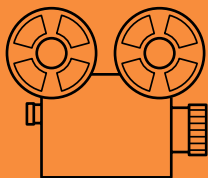
Atlântico Negro - na rota dos Orixás

Renato Barbieri

obra

Objetos de conhecimento

nº 1: o ser humano como um ser no mundo
nº 2: indivíduo, cultura e identidade
nº 4: estruturas
nº 5: energia equilíbrio e movimento
nº 6: ambiente
nº 7: a formação do mundo ocidental
nº 9: espaços
nº 10: materiais



Sinopse

O filme produzido por Renato Barbieri em 1998 mostra as raízes da cultura jêje-nagô nos terreiros de Salvador e do Maranhão através das religiões afro-brasileiras Tambor de Mina e Candomblé. A voz do narrador no documentário reitera o objetivo inicial do documentário: ser um elo de comunicação entre Brasil e África. O longa busca em África a desmitificação da imagem unilateral difundida como continente bélico tomado por fome e pobreza além de preencher lacunas das narrativas sobre o continente africano do imaginário brasileiro.

O que o PAS quer?

- Buscar as genealogias dos diversos grupos étnico-sociais constituidores da sociedade brasileira e suas contribuições para as múltiplas áreas do conhecimento — não limitadas à reprodução de informações pautadas, exclusivamente, em referenciais eurocêtricos;
- Compreender os processos pelos quais passaram as sociedades nativas do continente americano e africano, com a interferência dos europeus, além do conhecimento de aspectos relativos à constituição dos sistemas de poder, como se desenvolvem os conflitos e de que forma os agentes sociais se comportam nesses cenários e nas passagens acerca das tentativas de dominação e de resistência culturais;

- Propor reflexões acerca de importantes contribuições culturais africanas para a formação da múltipla e plural sociedade brasileira;
- Valorizar as heranças materiais, culturais e, sobretudo, intelectuais africanas, assim como a influência da religiosidade e da musicalidade na formação cultural brasileira, ou seja, como se operou o sincretismo religioso entre as culturas indígenas, africanas e europeia.

Indo além

Durante o documentário são encontradas várias referências ao mar, narrado como o separador entre África e Brasil, bem como é colocado como o elo que junta os dois. Tal elo está profundamente ligado à religião. O mar é algo simbólico e elementar. A noção de um Atlântico Negro é, antes que tudo, uma nova proposta de relacionamento a sua história. É sobre o fluxo e refluxo das duas costas: África e Brasil. O documentário surge no formato de narração e entrevista. Vários antropólogos, sociólogos e historiadores participaram, assim como contém imagens da vida, rituais e festas que ocorrem em Benin e no Brasil, apresentando o elo cultural, histórico, religioso e de vida que existem entre o país e continente.

Contexto

- Apresentação de religiões dos orixás;
- Lugares sagrados de ambos continentes;
- Povo brasileiro no continente africano;
- Troca de influências;
- Tráfico negreiro.

História

Apresenta a ligação entre os continentes, a relação direta de práticas culturais e religiosas de moradores de Abomey com um passado trazido por seus descendentes, onde a religiosidade, a dança, os ritos e a arquitetura apresentados se mostram fortes

Entrevista com Maria Teresa, ex-escrava (1973)



Objetos de conhecimento

nº 1: o ser humano como um ser no mundo
nº 2: indivíduo, cultura e identidade
nº 3: tipos e gêneros
nº 7: a formação do mundo ocidental

Sinopse

A entrevista, feita em 1973 por Antônio José do Espírito Santo e apresentada na revista Geledés em dezembro de 2014, é uma transcrição de uma gravação de Maria Teresa misturada à anotações e pesquisas do entrevistador. O texto publicado conta os fatos narrados de histórias da Maria Teresa quando ela tinha 15 anos, de acordo com a entrevista. Essa entrevista gravada em fita cassete expõe a proximidade histórica do período da escravidão e o seu impacto sobre a identidade do povo brasileiro. Utiliza linguagem informal e possui formato de roteiro, além da entrevista caracterizar um documento de registro, seu resgate histórico é valioso para refletir a proximidade do tempo da escravidão no Brasil.

O que o PAS quer?

- Reflexionar sobre o ser humano como um ser no mundo, ser singular e autodeterminante a partir de conceitos fundamentais como condição humana, situações-limite, vida, morte, existência, essência, natureza, cultura, liberdade, comportamentos, condicionamentos, escolhas, consciência, afetividade, sensibilidade, criatividade, racionalidade, maioridade, responsabilidade, alteridade, autonomia, projeto de vida;



- Reconhecer que, tudo que circunda o indivíduo, seu comportamento e o dos outros, o pode fazer perceber-se como inserido em um mundo e participante desse mundo que foi construído coletivamente, mas que, também, pode ser pensado, questionado e alterado pela presença de novas gerações.

Indo além

Contexto

- Ciclo do Café no século XVIII e XIX;
- Maria Teresa já era alforriada em 1874, antes da abolição em 1888;
- Importância do jongo

Divisão textual do relato de Maria Teresa

- A roça
- Fuga da fazenda
- O Munhambano
- Teresa e a República
- O jongo em 1874
- O jongo 100 anos depois

História de Maria Teresa

- Vivia em uma fazenda de café do Vale da Paraíba no RJ durante o ano de 1874;
- Testemunha ocular da escravidão;
- Nascida em 1859;
- Ajudou a criar a Escola de Samba Império Serrano.



Oficina 3

Gênero

Objetivo

Apresentar o conceito de **marcadores sociais da diferença** para facilitar a introdução da abordagem interseccional. Por se tratar de um objetivo complexo, é importante manter o caráter introdutório desses conceitos e método.

Como abordar

1. Marcadores Sociais, Estrutura Social e Pirâmide Social

Para apresentar esses conceitos, diferencie algumas possibilidades de marcadores sociais da diferença que atravessam sua sala de aula. Importante lembrar que esses marcadores não competem entre si, mas criam uma malha nos quais alguns podem ser mais marcantes a depender do contexto.

2. Interseccionalidade

Apresente a interseccionalidade como a malha mencionada acima, que pode ser entendida como um recurso para perceber as violências sociais de algum grupo em dado contexto. A interseccionalidade não estabelece hierarquia ou soma das opressões, mas sim possibilita reconhecer que pessoas diferentes tem experiências diferentes. Essas experiências permitem que a malha se expanda, porque centraliza a vivência do olhar único.

Lembre os estudantes que a origem do movimento interseccional repousa no feminismo negro, pois já no início questiona a identidade única de mulher dos movimentos feministas anteriores ao feminismo negro. Não há uma única mulher, as experiências diversas de ser mulher que expandem a malha.

La mujer sin miedo

Eduardo Galeano

obra

Objetos de conhecimento

- nº 1: o ser humano como um ser no mundo
- nº 2: indivíduo, cultura e identidade
- nº 3: tipos e gêneros
- nº 4: estruturas
- nº 5: energia equilíbrio e movimento
- nº 6: ambiente

Sinopse

Obra em prosa escrita e declamada em vídeo por Eduardo Galeano. Eduardo é um jornalista e escritor uruguaio perseguido durante as ditaduras militares na América Latina. O poema permite refletir sobre o movimento de mulheres negras da América Latina e do Caribe.

Aqui, as relações entre violência de gênero e propriedade privada podem ser exploradas para abordar o feminicídio. Outra possibilidade é explorar as dimensões da violência e suas manifestações, o conceito de **violência simbólica** de Pierre Bourdieu é um recurso possível para compreender melhor a interseccionalidade como ferramenta para perceber opressões. É também importante, relacionar a masculinidade tóxica dentro da malha de opressões.

O que o PAS quer?

- Refletir que, nos grupos humanos, o indivíduo desenvolve papéis de acordo com normas, regras e valores;
- Discutir as relações entre pessoas de diferentes gêneros;
- Questionar como o papel do homem e da mulher constitui fato relevante no mundo moderno. A percepção clara da necessidade de se observarem as diferenças entre os gêneros e respeitá-las;

- Conhecer como ocorreram as diferenças entre masculino e feminino em diversos espaços e momentos das formações culturais ocidentais, na medida em que os papéis são atribuídos a partir de contextos específicos construídos historicamente;
- Considerar a formação patriarcal da sociedade colonial brasileira repercute até a atualidade, sobretudo na atuação social, política e econômica da mulher. Em outras formações culturais, como a islâmica, a chinesa e as tribais, observam-se fenômenos semelhantes que contribuem para condições de submissão e resistência. Cabe refletir a respeito dos atos de violência, como infanticídio feminino, castração, prostituição, abuso sexual e discriminação. **Diante dessas realidades, como o homem tem reagido?**
- Questionar como algumas bases se equilibram em nossa estrutura social.

Indo além

Reflexão histórico-sociológica

- Relacionar a naturalização da violência de gênero e a propriedade privada;
- Explorar as possibilidades de ser mulher e em qual local está no tecido social;
- Abordar movimentos sociais protagonizados por mulheres;
- Encontrar onde a masculinidade atua nos papéis de opressão.



Suzana e os anciãos

Artemísia Gentileschi

Objetos de conhecimento

nº 3: tipos e gêneros
nº 4: estruturas

obra

Sobre a obra

Obra visual em que se observa a história presente no Antigo Testamento sobre a violência de assédio dos anciãos com Suzana. Embora essa personagem fosse representada de forma natural e sexualizada, a autora buscou representar o momento da forma mais dramática possível → Tronco retorcido de Suzana;



O que o PAS quer?



- Identificar os gêneros das linguagens artísticas nas diversas sociedades e em contextos distintos;
- Reconhecer o juízo de valor e suas implicações estéticas e ideológicas;
- Nas produções visuais, são importantes a identificação dos elementos estruturantes da imagem (ponto, linha, plano, espaço e cor) e a utilização deles na composição visual, além do reconhecimento dos efeitos intelectuais, simbólicos e expressivos.

Bora exercitar?

PAS 2021

Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas, devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são.

(...)

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para apropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

Chimamanda Adichie. **O perigo de uma história única.** (Com adaptações).

A partir do texto anterior, julgue os itens seguintes e assinale a opção correta no último item, que é do tipo C.

1 (C)(E) A História é isenta de posições políticas e ideológicas, pois o historiador reconstitui o passado objetivamente, sem influência do presente em que vive.

2 (C)(E) O aumento da diversidade em espaços de decisão, tais como órgãos governamentais e empresas particulares, é medida inócua para o enfrentamento das desigualdades sociais.

3 (C)(E) Abordar africanidades não como monolíticas, mas buscando-se cuidadosamente contextualizar os seus papéis e a sua participação na construção de um Estado ou de um povo, pode contribuir para uma educação antirracista.

4 (C)(E) A História é múltipla e varia de acordo com quem a conta, portanto não pode ser considerada ciência.

5 (C)(E) A presença de diferentes narrativas históricas é essencial para que pessoas de gêneros, classes e raças diferentes se identifiquem como parte da História.

Na mesma palestra, Chimamanda Adichie afirma que “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história”. Reproduzida em livros didáticos, a imagem a seguir foi elaborada por Theodor de Bry para um livro de Hans Staden, a partir de seus escritos acerca da antropofagia tupinambá.



Theodor de Bry. **Prisioneiro preso à muçurana.** 1592.

6 Com base no seu contexto de produção, é correto afirmar que a imagem anterior:

A) retrata com fidelidade o ritual antropofágico tupinambá, por ser baseada no relato de uma testemunha ocular.

B) demonstra a predominância das mulheres indígenas na execução dos rituais antropofágicos.

C) reforça um estereótipo de que as mulheres indígenas seriam seres quase incontroláveis, ávidas por praticar a antropofagia.

D) representa o consumo de carne humana como uma iguaria culinária da etnia tupinambá.

O propósito do primeiro episódio da série *O povo brasileiro*, de Isa G. Ferraz, é apresentar um panorama da formação sociocultural tupinambá-tupiniquim: a organização aldeã, o sistema de crenças, a antropofagia, as práticas agrícolas, as guerras e festas, os conhecimentos astronômicos, a trama do parentesco, a vida amorosa e sexual... Em suma, mostrar quem eram aqueles que circulavam, com seus mitos e ritos, pelos litorais da terra brasílica.

Internet: <canalcurta.tv.br> (com adaptações).

Tendo como referência o documentário **O povo brasileiro (parte I): a matriz Tupi**, de que trata o texto anterior, assinale a opção correta nos itens seguintes, que são do tipo C, e faça o que se pede no último item, que é do tipo D.

7 Trazendo uma reflexão sobre o Brasil, esse documentário

- A)** sustenta que o Brasil não existiria como país se não fosse a matriz Tupi.
- B)** destaca a concepção do Brasil como resultado das práticas colonizadoras.
- C)** mostra que a principal herança das matrizes indígenas observada nas sociedades contemporâneas é a preservação do conhecimento coletivo.
- D)** leva à conclusão de que, para uma adequada compreensão da concepção do Brasil enquanto cultura, povo e nação, é necessário considerar, entre outros, aspectos herdados das matrizes indígenas.

8 A respeito da divisão do trabalho, assinale a opção correta.

- A)** Para se compreender a divisão do trabalho, conforme ela está presente e se organiza nas diferentes sociedades humanas, devem-se considerar, sobretudo, as características inatas das pessoas.
- B)** A divisão do trabalho não é algo particular do que a sociologia clássica chamou de sociedades modernas; também caracteriza as denominadas etnias indígenas.
- C)** A divisão do trabalho está intrinsecamente associada ao fato de que os seres humanos necessitam de especialização, sem a qual sua sobrevivência estaria ameaçada.
- D)** Para se compreender a divisão do trabalho, é necessário partir da ideia de que os humanos também são animais.

9 A matriz indígena é o primeiro componente da ancestralidade brasileira. Com a chegada do europeu, instalou-se no território uma nova lógica de uso dos recursos naturais. Considerando essa informação, bem como o documentário **O povo brasileiro (parte I): a matriz Tupi**, de Isa G. Ferraz, comente sobre a relação sociedade-natureza dos indígenas brasileiros.

PAS 2018

Ainda hoje fico um pouco irritada quando se referem à África como um país ou como um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas. Eu acho que essa versão única sobre a história da África vem de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição que vê a África como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão. Insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minhas experiências e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A “única história cria estereótipos”. Eles fazem a história tornar-se única. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.

Chimamanda Adichie. **O perigo da história única**. TED Global, 2009. Internet: <www.ted.com> (com adaptações).

No que se refere ao texto precedente, de Chimamanda Adichie, e a diversos aspectos a ele relacionados, julgue os itens a seguir.

10 (C)(E) As narrativas sobre a história do Brasil atribuem o descobrimento do território brasileiro à chegada dos portugueses no início da Idade Moderna europeia e possuem uma perspectiva eurocêntrica que desconsidera a presença das sociedades indígenas que ocupavam a região há milhares de anos.

11 (C)(E) A história única escrita sobre a África, a que se refere a autora do texto, produziu uma série de estereótipos e imagens negativas — vigentes ainda hoje — sobre o continente africano e a forma como algumas pessoas interpretam ou classificam suas sociedades.

12 (C)(E) Os estudos sobre a escravidão na Roma antiga evidenciam relações de continuidade com a escravidão moderna praticada nas Américas a partir do século XV, como a predominância de um intenso tráfico de africanos escravizados e a ausência de revoltas escravas.

13 (C)(E) Passados 130 anos da abolição da escravidão, a população negra ainda enfrenta preconceito e exclusão social. No mercado de trabalho formal, a discriminação apresenta-se, por exemplo, sob a forma de menores salários, ocupação de cargos sem status de liderança e falta de representatividade em grandes empresas.

14 (C)(E) As interações entre as histórias do islamismo e do Brasil Colonial e Imperial são explicadas, entre outros fatores, pela longa presença e colonização islâmica na Península Ibérica e pelos milhares de africanos islamizados que desembarcaram no Brasil na condição de escravos em decorrência do tráfico atlântico.

O conhecimento do passado e de suas próprias trajetórias é um relevante instrumento de luta política para os povos indígenas, que, desde o período colonial, têm lançado mão desse recurso para reafirmarem seus direitos. Não à toa, muitos deles estão entrando nas universidades e escrevendo suas próprias histórias. Para os não índios, por sua vez, as novas compreensões sobre as complexas e diferenciadas trajetórias dos índios na história do Brasil podem ter duplo efeito. Além de levá-los a abandonar preconceitos e discriminações alimentados por tantas ideias equivocadas, podem também fornecer-lhes elementos para que reconheçam os legítimos direitos dos índios, levando-os, quem sabe, a substituir discursos de oposição e violência pelo apoio às suas causas.

Maria R. C. de Almeida. **A atuação dos indígenas na história do Brasil: revisões historiográficas.** In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 37, n.º 75, 2017, p. 34 (com adaptações).

Tendo o texto anterior como referência inicial e considerando aspectos relacionados à história indígena nas Américas, julgue os itens seguintes.

15 (C)(E) Infere-se do texto que os efeitos da produção do conhecimento histórico sobre as sociedades indígenas a partir das suas próprias perspectivas e do seu protagonismo narrativo estariam limitados ao campo da ciência histórica e às próprias comunidades estudadas.

16 (C)(E) As narrativas históricas do passado e do presente e as ações políticas coloniais e pós-coloniais foram marcadas por profundo conhecimento e valorização do protagonismo histórico dos distintos povos indígenas americanos, bem como pelo expressivo respeito às suas culturas.

PAS 2017

Tendo como referência inicial o material audiovisual **Atlântico Negro - na rota dos Orixás**, de Renato Barbieri, assinale a opção correta nos itens seguintes, que são do tipo C.

17 No Brasil, dado o imaginário social a respeito das religiões de origem umbandista, essas crenças são, de modo geral,

A) respeitadas tanto quanto outros tipos de manifestações religiosas.

B) excluídas das interpretações sobre a formação da identidade brasileira.

C) enquadradas na perspectiva da dualidade deus / diabo proposta pela religião cristã.

D) aceitas a ponto de seus adereços e símbolos serem dispostos em repartições públicas.

18 Nas manifestações religiosas de origem africana, especialmente no candomblé, certas questões étnico-raciais e de gênero se expressam

A) na diversidade de gênero dos orixás.

B) no predomínio de autoridades religiosas masculinas.

C) na paridade entre a quantidade de origem branca e negra.

D) na inversão dos papéis de gênero a partir de um princípio feminino de espiritualidade.

Há mais de cem anos, a escravidão foi abolida do Brasil. O documentário **Atlântico Negro - na Rota dos Orixás** focaliza as relações culturais África-Brasil, motivadas pelo tráfico de escravos.

O diretor do filme, Reanto Barbieri, evitou os clichês turísticos do documentários usuais sobre o tema, que se concentra no candomblé e na capoeira na Bahia, e mergulhou na cultura do vodu, que originaria do antigo Daomé (hoje Benin), se enraizou principalmente no Maranhão.

O culto dos orixás do candomblé - também surgido no Daomé - é abordado no contexto amplo das relações culturais entre os dois continentes, e não como fenômeno isolado. Uma das novidades do filme, aliás, é mostrar essas relações como um processo de mão dupla: não só houve influência africana na cultura brasileira, como também inverso.

O documentário vai ao atual Benin e rastreia o que ficou da passagem dos negros brasileiros que para lá voltaram, levando consigo costumes luso-brasileiros, entre eles a religião católica, que passou a conviver com os antigos cultos jeje-daomeanos e islamismo. Um dos achados do filme é o diálogo, por meio do vídeo, entre dos sacerdotes voduns. um Maranhão e outro do Benin.

O filme participou do Festival de Cannes em 1999, na mostra Noir-Black-Negro, cujo tema era o mundo dos negros.

José Geraldo Couto, Folha de S. Paulo, maio/199, Folha Ilustrada, 4º caderno p. 113 (com adaptações).

Em relação às informações do texto, julgue os itens abaixo e assinale a opção correta no último item.

19 (C)(E) Conforme as informações do texto, negros brasileiros descendentes de escravos voltaram ao Benin (antigo Daomé) e levaram traços da cultura e dos costumes luso-brasileiros para terras africanas.

20 (C)(E) Infere-se das informações do texto que, geralmente, os documentários focalizam o candomblé e a capoeira, sem relacioná-los a questões mais amplas do universo cultural.

21 Depende-se das informações do texto que, entre os cultos religiosos praticados no Benin, inclui-se

A) a variedade de cultos jeje originários do Brasil.

B) e dos orixás originários da Bahia.

C) e do catolicismo, disseminado pelos descendentes de escravos no Brasil.

D) o vodu, difundido pelos descendentes de escravos brasileiros.

REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA - PAS 2015

ATENÇÃO: Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente. Identifique-se apenas nos locais apropriados, pois será atribuída nota zero ao texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora desses locais.

Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003

Art. 1.º A Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts.:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

(...)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Internet: <www.planalto.gov.br>;

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija, utilizando a modalidade escrita formal da língua portuguesa, um texto dissertativo a respeito do seguinte tema.

A herança da cultura negra na formação do Brasil

Era um sonho dantesco... o tombadilho Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

(...)

Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o sangue das mães:

Outras moças, mas nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Se o velho arqueja, se no chão resvala, Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!

Castro Alves. Navio negreiro. In: Internet: <www.dominiopublico.gov.br>

Segundo o narrador do filme Atlântico negro - na rota dos Orixás, a África está presente no Brasil em todas as dimensões da nossa sociedade: na religião, na música, no gestual, no gosto pelas cores, nos ritmos, na alegria.

Fontes

Provas e Matriz de Referência do PAS

BRASÍLIA, Universidade de Brasília. Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (CEBRASPE). Edital nº 1 - Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2020 – 1ª Etapa.

_____. CEBRASPE. Matriz de Referência do Programa de Avaliação Seriada Subprograma 2020-2022.

_____. CEBRASPE. Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2021 – 1ª Etapa.

_____. CEBRASPE. Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2018 – 1ª Etapa.

_____. CEBRASPE. Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2017 – 1ª Etapa.

_____. CEBRASPE. Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2015 – 1ª Etapa.

_____. CEBRASPE. Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2013 – 1ª Etapa.

Todos os arquivos, provas e gabaritos citados podem ser encontrados em <https://www.cebraspe.org.br/pas/subprogramas> e <https://passeandounb.com/tudo-sobre-o-pas-unb/>

Fontes

Obras Analisadas

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo de uma História Única. In: Technology, Entertainment and Design (TED Global). 2009, Oxford. Disponível em <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>.

A ROTA do Escravo – A Alma da Resistência. Produção da Organização das Nações para a Educação, a Ciência e Cultura traduzido e dublado pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil. Rio de Janeiro: UNESCO e UNIC Rio, 2012.

ATLÂNTICO Negro, na Rota dos Orixás. Direção de Renato Barberi. Brasil: Videografia Criação e Produção. 1998.

GALEANO, Eduardo. La mujer sin miedo. Youtube, 2013. Canal ABarbosa. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0BNZKvgkSOg>.

GENTILESCHI, A. (Artista). 1610. Suzana e os anciões [Óleo sobre tela]. Palácio de Weissenstein. Pommersfelden.

O POVO Brasileiro (parte I): A Matriz Tupi. Direção de Isa Grinspum Ferraz. Brasil: Cinematográfica Superfilmes LTDA. 2000.

TERESA, M.A. Entrevista com Maria Teresa, ex-escrava. [1973]. Revista Geledés, 2014. Rio de Janeiro: Departamento de História da UFRJ. Entrevista concedida ao Grupo Vissungo.

Fontes

Outros Documentos

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

_____. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento do Distrito Federal: Caderno Ensino Médio. 1ª ed. Brasília: SEEDF, GDF, 2020.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos . Integração e diferença em encontros disciplinares. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso) , v. 22, p. 51-60, 2007.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Universidade de Brasília, 2022. O QUE É O PAS. Disponível em: <<https://pas.unb.br>>. Acesso em: 06 de maio. de 2022